



**CATÓLICA
LISBON**
B/SINESS & ECONOMICS

LEADING TODAY.
INSPIRING TOMORROW.

Estudo da Sociedade Portuguesa- O impacto da pandemia COVID 19 na vida dos Portugueses (Março, 2020)

**Observatório da Sociedade Portuguesa-
CATÓLICA-LISBON**



SUMÁRIO

O **Observatório da Sociedade Portuguesa (OSP)** da **Católica Lisbon School of Business & Economics** realizou, em **29 e 30 de março de 2020**, um estudo de modo a investigar fatores que caracterizam a sociedade portuguesa. Os dados foram recolhidos utilizando o **Painel de Estudos Online da CATÓLICA-LISBON (PEO)**.

O principal objetivo deste estudo foi a **aferição do impacto da pandemia de COVID-19**, consequente estado de emergência e medidas de isolamento social na felicidade e satisfação, confiança económica, hábitos de consumo, hábitos de poupança dos portugueses, produtividade e condições de trabalho, assim como aferir como os portugueses avaliam as medidas tomadas neste contexto por diferentes organizações e Governo.

1000 participantes do Painel de Estudos Online da CATÓLICA-LISBON responderam a um **questionário de resposta online** onde diferentes constructos foram aferidos. Sempre que possível, os resultados do presente estudo foram **comparados com valores aferidos em estudos quadrimestrais anteriores** realizados pelo Observatório da Sociedade Portuguesa. Esta análise permite traçar a **evolução de alguns indicadores** como o de felicidade, satisfação com a vida, satisfação com atividades diárias, bem como de indicadores específicos de hábitos de consumo e de poupança, confiança económica, e rendimento.

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Portugueses estão menos felizes, e jovens mais insatisfeitos com as atividades diárias.

Comparativamente a março de 2019, os três itens usados para aferir a **Felicidade e Satisfação com a Vida** dos participantes apresentam uma diminuição acentuada na ordem dos -10.84% (felicidade global), -10.07% (satisfação com a vida em geral), -3.58% (satisfação com as atividades diárias). Salientamos que o índice de felicidade global apresenta neste estudo **o valor mais baixo desde outubro de 2015**. É importante ainda afirmar que quando fazemos análise tendo em consideração as dificuldades financeiras dos participantes, as quebras verificadas de Felicidade são especialmente visíveis entre os participantes com maiores dificuldades financeiras. Em termos de satisfação com as atividades diárias, o que observamos é uma maior **insatisfação entre faixas etárias mais jovens** e maior satisfação com as mesmas à medida que vamos avançando nas faixas etárias.

Em termos de bem-estar pessoal, os participantes estão mais preocupados com a sua segurança atual e futura, no entanto mais satisfeitos com a quantidade de tempo que têm para fazer coisas que gostam.

Comparativamente a março de 2019, as duas dimensões **com descréscimo mais acentuado**, de respetivamente -6.39% e -5.33%, são a **“segurança (quando se desloca pelas ruas)”** e a **“segurança do seu futuro”**. Salienta-se também o aumento acentuado da satisfação com “a quantidade de tempo que tem para fazer as coisas que realmente quer fazer” que aumentou 11.24%, comparativamente ao período homólogo. Mais uma vez, as preocupações com a segurança **são mais visíveis junto dos participantes com maiores dificuldades financeiras**.

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Os Portugueses, de um modo geral, concordam com as medidas de prevenção e gestão da crise tomadas por diversas entidades, assim como as consideram eficazes.

Os participantes reportaram **níveis de satisfação especialmente elevados e avaliam com eficácia muito alta as medidas** tomadas pelo **peçoal médico, enfermagem e técnicos auxiliares de saúde do SNS**. Um resultado possivelmente revelador da gratidão dos participantes pela atuação dos profissionais de saúde face à atual pandemia.

Em termos de medidas específicas de contingência implementadas pelo Governo para combate à epidemia COVID-19, os Portugueses concordam com a generalidade das medidas.

Os portugueses participantes neste estudo apresentam **níveis de concordância muito elevados para todas as medidas**. A medida com que mais concordam é o confinamento obrigatório dos doentes Covid-19 e pessoas em vigilância pela DGS, e a medida com que menos concordam é a suspensão de atividades no âmbito da prestação de serviços.

No que diz respeito às medidas de apoio à economia implementadas pelo governo, os participantes estão **menos confiantes na eficácia das medidas de proteção dos postos de trabalho e nas medidas de apoio às empresas**.

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Os Portugueses, de um modo geral, acham que vão voltar a consumir, apesar de mais moderadamente, e mostram preferência por produtos mais saudáveis e sustentáveis e que possam ser partilhados com outros.

É importante realçar um sentimento por parte dos participantes que **irão voltar a consumir apenas moderadamente**, em relação à forma como o faziam antes da pandemia, algo pouco positivo para a recuperação económica que se avizinha ser necessária. No que diz respeito a produtos que esperam vir a consumir verificam-se intenções elevadas de começar a consumir produtos mais saudáveis, mais sustentáveis e que possam ser partilhados com outros, reforçando possivelmente um sentimento de pertença.

Portugueses indicam maior facilidade em viver com rendimento mensal líquido e mostram mais interesse em poupar no futuro.

O valor médio de facilidade em viver com o rendimento mensal líquido do agregado familiar aumentou 7.6%, passando de 5.24 em março de 2019 (DP = 2.61) para 5.64 em março 2020 (DP = 2.66); O valor médio do grau de interesse em poupar aumentou 1.6%, passando de 8.62 em março de 2019 (DP = 1.79) para 8.76 em março de 2020 (DP = 1.75).

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Os Portugueses mostram um quebra acentuada em termos de confiança económica e apresentam pessimismo em relação à situação económica futura, independentemente da dificuldade em viver com rendimento mensal.

Estudando estes índices de confiança económica e a sua evolução relativamente a períodos anteriores verificamos que os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal, e também uma visão mais pessimista da economia portuguesa atualmente, comparativamente a períodos anteriores.

O **Índice de Confiança Económica em Portugal (ICE; $(IEA + IME) / 2$)**, calculado com base no Indicador do Estado Atual das condições económicas (IEA) e no Indicador de Mudança dos estado das condições Económicas (IME) registou o valor de **-57.7** indicando que, em geral, os participantes têm **uma visão bastante mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal**, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal.

O **IEA apresenta um valor negativo e uma descida face a novembro de 2019** (de -20.2 para -28.4). O **IME apresenta também um valor negativo e o mais baixo desde o início do estudo destes índices** (-86.9). Por fim, o **ICE também diminuiu acentuadamente** entre março de 2019 e março de 2020 (de -19.4 para -57.7). Esta evolução sugere que em março de 2020, os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal.

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Portugueses que se encontram em teletrabalho indicam uma boa capacidade de adaptação a esta nova realidade do trabalho, apesar de cerca de 30% indicarem dificuldade em equilibrar a vida pessoal com a vida profissional.

Os participantes que se encontram exclusivamente ou parcialmente em teletrabalho (n=407), apresentam **níveis de concordância mais elevados** para **“Tenho conseguido gerir o meu trabalho de forma autónoma”** (M = 5.63, DP = 1.46), e **níveis de concordância mais baixos** para **“Tenho sentido pressão para completar tarefas que me são solicitadas”** (M = 3.92, DP = 2.08), **“Sinto que me é exigido estar constantemente online”** (M = 4.04, DP = 2.19) e **“Tenho trabalhado mais horas que o habitual”** (M = 4.06, DP = 2.21). Os participantes apresentam níveis de concordância muito baixos apenas para **“Tenho trabalhado menos horas que o habitual”** (M = 2.78, DP = 2.03).

De um modo geral, Portugueses em teletrabalho acham que estão com boas condições de trabalho.

No que concerne as condições de trabalho gerais, os participantes apresentam níveis de concordância moderadamente elevados para **“A minha empresa esforça-se para que eu tenha as condições e equipamentos necessários para que eu consiga fazer bem meu trabalho”** (M = 5.00, DP = 1.95), **“A minha empresa esforça-se para me ajudar a ultrapassar os meus problemas”** (M = 4.92, DP = 1.70) e **“A minha empresa preocupa-se com o meu bem-estar físico e psicológico”** (M = 4.62, DP = 1.80). No que concerne as condições de trabalho específicas, os participantes reportam níveis de concordância elevados para **“A minha empresa/organização oferece-me as plataformas online necessárias para trabalhar (e-mail, programas para comunicação vídeo, acesso a armazenamento de ficheiros partilhados, etc)”** (M = 5.60, DP = 1.69) e **“Sinto que tenho condições em casa para trabalhar remotamente (computador, telefone e ligação à internet)”** (M = 6.13, DP = 1.37). É de realçar que os participantes reportam um nível de concordância baixo para **“Na minha casa mais do que uma pessoa tem partilhado um computador para dar resposta às responsabilidades laborais e/ou escolares”** (M = 2.51, DP = 2.26), o que indica que este não é um desafio presente para a maior parte dos participantes.

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Os Portugueses mostram um estado emocional de preocupação e ansiedade

Caracterizando o seu estado emocional durante o último mês, os participantes apresentam maior concordância com estados que revelam a sua preocupação e alguma ansiedade e discordam ligeiramente com estados como a calma. No que concerne ao estado emocional dos participantes durante o último mês, são reportados níveis de concordância mais altos para “**...preocupado**” ($M = 5.52$, $DP = 1.42$), “**...ansioso**” ($M = 5.00$, $DP = 1.62$) e “**...tenso**” ($M = 4.79$, $DP = 1.56$), e níveis de concordância mais baixos para “**...calmo**” ($M = 3.65$, $DP = 1.64$), “**...contente**” ($M = 3.58$, $DP = 1.56$) e “**...relaxado**” ($M = 3.36$, $DP = 1.62$).

Os Portugueses revelam estar pouco otimistas em relação ao futuro.

Os participantes revelam-se indecisos quando inquiridos acerca do otimismo em relação ao futuro, algo que poderá ser revelador do clima de incerteza que estamos a experienciar.

Relativamente ao otimismo face ao futuro, os participantes apresentam níveis de concordância muito próximos do ponto neutro (não concordo nem discordo) para todos os itens: “**Acho que o futuro me vai trazer coisas boas**” ($M = 4.33$, $DP = 1.64$), “**Estou otimista em relação ao futuro**” ($M = 3.95$, $DP = 1.68$) e “**Estou confiante que em breve voltaremos à normalidade**” ($M = 3.83$, $DP = 1.79$).

SUMÁRIO- PRINCIPAIS RESULTADOS

Apenas 61.3% dos Portugueses indicam que irão estar satisfeitos com a vida no período pós-pandemia.

O grau de satisfação com a vida no período pós pandemia foi medido através da pergunta “Pensando acerca da sua vida pessoal e das suas condições no período pós-pandemia, qual é que acha que vai ser o seu grau de satisfação com a sua vida?” e utilizando uma escala que varia entre 0 e 10 pontos (com valores superiores a indicarem maior presença da característica).

Comparando os resultados obtidos para o período pós-pandemia com os resultados obtidos no presente observamos em geral, **um decréscimo da satisfação com a vida: 20.8% dos participantes referem que se encontrarão totalmente/muito/moderadamente insatisfeitos** (vs. 12.9% que referem que se encontram totalmente/muito/moderadamente insatisfeitos no momento presente), **17.9% referem que não vão estar satisfeitos nem insatisfeitos** (vs. 10.8% que referem que não estão satisfeitos nem insatisfeitos no momento presente), e **61.3% referem que se encontrarão moderadamente/muito/totalmente satisfeitos no período pós-pandemia** (vs. 76.3% no momento presente).

INDICADORES

- I. FELICIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA
- II. BEM ESTAR COM A VIDA
- III. SATISFAÇÃO E PERCEÇÃO DE EFICÁCIA DAS MEDIDAS DAS ENTIDADES ENVOLVIDAS NO COMBATE À PANDEMIA COVID-19
- IV. CONCORDÂNCIA E PERCEÇÃO DE EFICÁCIA DE MEDIDAS ESPECÍFICAS DE COMBATE À PANDEMIA COVID-19
- V. HÁBITOS DE CONSUMO
- VI. RENDIMENTOS E HÁBITOS DE POUPANÇA
- VII. INDICADORES DE CONFIANÇA ECONÓMICA
- VIII. CONDIÇÕES DE TRABALHO, PRODUTIVIDADE E EQUILÍBRIO FAMILIAR DURANTE A PANDEMIA
- IX. PERSPECTIVAS SOBRE O PRESENTE E FUTURO: OPTIMISMO E SATISFAÇÃO

AMOSTRA

Sexo, idade, residência e escolaridade

A amostra deste estudo é constituída por 1000 participantes, 657 do sexo feminino e 343 do sexo masculino, de idades compreendidas entre os 18 e os 68 anos. 17.9% dos participantes possui entre 18 e 24 anos de idade, 75.6% possui entre 25 e 54 anos de idade, e apenas 6.5% dos participantes possui 55 anos ou mais de idade. Em relação ao distrito de residência, 33.8% dos respondentes reside em Lisboa, 12.3% no Porto, 7.8% em Setúbal, 5.2% em Coimbra, 4.2% em Aveiro, e 31.5% estão distribuídos pelos restantes distritos.

Quanto ao nível de escolaridade, 72.3% possui ensino superior (Bacharelato ou superior), 25.6% indica ter o ensino secundário completo, e apenas 2.1% refere só ter o ensino básico.

Em comparação com proporções nacionais recolhidas no Censos 2011, o presente estudo obteve uma proporção superior de mulheres e de adultos até 44 anos de idade e uma proporção inferior de adultos com 45 anos ou mais (Figuras 1 e 2).

Estado civil e composição do agregado familiar

50.3% dos respondentes são solteiros, 42.3% são casados ou vivem em união de facto, 7.0% estão divorciados ou separados, e apenas 0.4% são viúvos. A dimensão dos agregados familiares varia entre 1 elemento (o respondente; 15.6%), 2 (29.0%), 3 (28.4%), 4 (20.3%) ou 5 ou mais elementos (6.7%). 31% dos respondentes pertence a agregados familiares com crianças com menos de 18 anos de idade, e 23.5% dos respondentes pertence a agregados familiares com crianças com menos de 12 anos de idade.

Condição e situação perante o trabalho, ocupação

Habitualmente (fora do período de pandemia), 78.4% dos respondentes indica estar a trabalhar (68.2% a tempo inteiro e 10.2% a tempo parcial), 6.5% estão desempregados, 11.4% são estudantes, 1.6% são reformados, pré-reformados ou pensionistas, e 2.1% estão noutras situações. Quanto à principal ocupação destes trabalhadores a tempo inteiro, 26.6% indicam ser técnicos ou ter profissões de nível intermédio, 17.8% referem ser especialistas de atividades intelectuais e científicas, 27.5% estão na categoria de pessoal administrativo, e 28.1% assinalam outras ocupações.

Distribuição da amostra do estudo por faixa etária e sexo

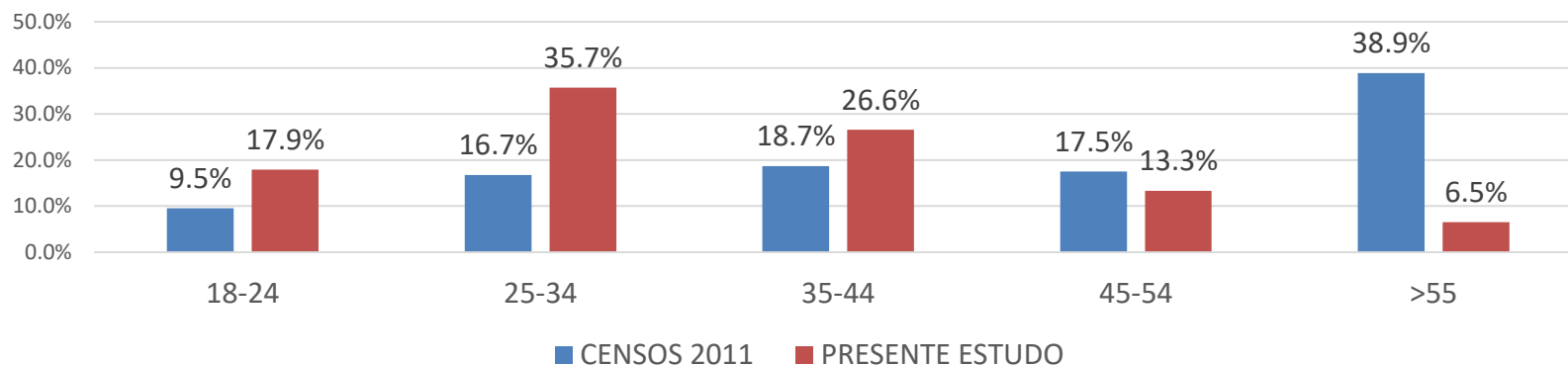


Figura 1 - Distribuição da Amostra do estudo por faixa etária, comparativamente ao CENSOS de 2011

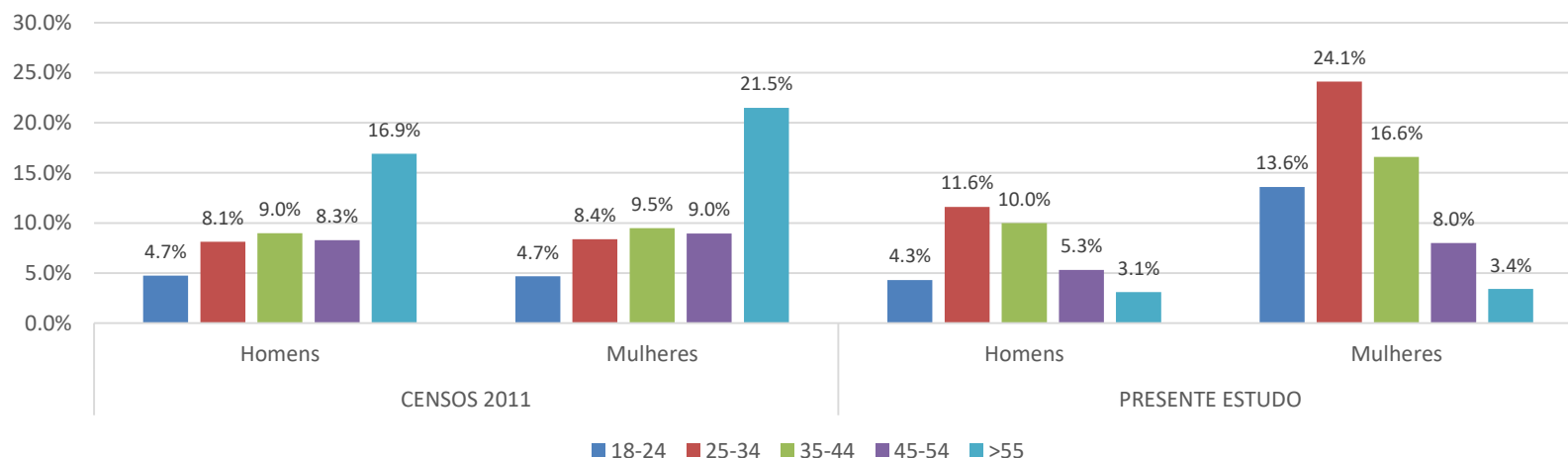


Figura 2 - Distribuição da Amostra do estudo por sexo e faixa etária, comparativamente ao CENSOS de 2011

I. FELICIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA



Neste período, em que o nosso país se encontra em estado de emergência devido à pandemia de COVID-19, o valor médio de felicidade global reportado é o mais baixo alguma vez medido nos estudos do Observatório da Sociedade Portuguesa, desde outubro 2015. De forma semelhante, a satisfação com a vida encontra-se em valores próximos aos encontrados em 2015 e 2016, quando o nosso país ainda se recuperava da crise económica. A satisfação com as atividades diárias não sofreu uma descida tão acentuada tendo até apresentado um aumento de 2.83% se comparado com o valor aferido no mesmo período de 2016, o que poderá revelar um olhar positivo por parte dos portugueses relativamente ao tempo passado em família e/ou lazer, devido ao isolamento social. Adicionalmente, a comparação entre grupos mostra-nos que o aumento de satisfação com as atividades diárias é mais característico dos participantes mais velhos e sem dificuldades financeiras. De facto, verifica-se que os participantes com maiores dificuldades financeiras são aqueles que apresentam maior variação negativa, nos três indicadores.

Nesta secção são apresentados os resultados dos indicadores gerais de felicidade global, satisfação com a vida no geral, e satisfação com atividades diárias para o período de **Março de 2020** e a evolução dos mesmos nos quinze momentos de recolha do Observatório da Sociedade Portuguesa. Os indicadores gerais de **felicidade global**, **satisfação com a vida no geral** e **satisfação com atividades diárias** foram medidos através de uma escala que varia entre 0 e 10 pontos (com valores superiores a indicarem maior presença da característica).

No presente período, em que o nosso país se encontra em estado de emergência devido à pandemia de COVID-19 e a maioria dos portugueses está em isolamento social, os resultados sugerem que os participantes se sentem em geral moderadamente felizes ($M = 6.09$; $DP = 1.78$), moderadamente satisfeitos com a vida em geral ($M = 6.06$; $DP = 1.74$), e satisfeitos com as atividades diárias ($M = 6.74$; $DP = 1.90$).

A evolução destes indicadores gerais de felicidade, satisfação com a vida, e satisfação com atividades diárias, entre outubro de 2015 e março de 2020, encontra-se apresentada na Figura 3. Em particular, comparando os resultados obtidos no presente estudo com resultados alcançados em período homólogo (março de 2019 versus março de 2020), observamos em geral, um decréscimo destes indicadores que apresentaremos em seguida. Apresentaremos também os resultados das comparações destes indicadores por condições de dificuldade financeira e faixa etária (Figuras 4 e 5). Testaram-se as diferenças dos indicadores consoante a situação perante o trabalho mas estas não serão apresentadas graficamente por não serem estatisticamente significativas.

Felicidade e Satisfação com a vida

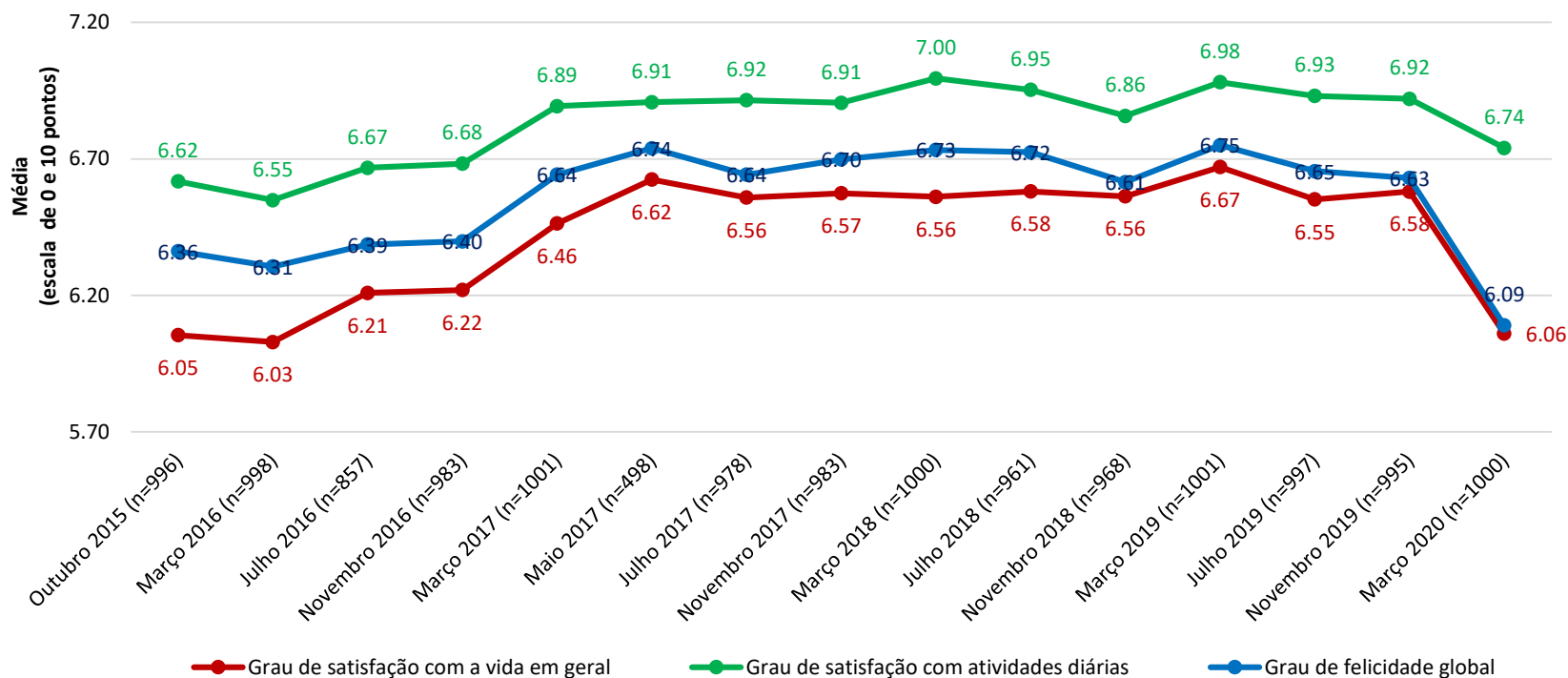


Figura 3 - Evolução dos valores médios dos indicadores gerais de felicidade e satisfação com a vida, entre outubro de 2015 e março de 2020 (0= Extremamente insatisfeito/infeliz e 10= Extremamente satisfeito/feliz)



Comparativamente a março de 2019, os três itens apresentam uma diminuição acentuada na ordem dos -10.84% (felicidade global), -10.07% (satisfação com a vida em geral), -3.58% (satisfação com as atividades diárias). **Salientamos que, o índice de felicidade global apresentou o valor mais baixo desde outubro de 2015.**

Variação dos indicadores entre Novembro 2019 e Março 2020, por níveis de dificuldade financeira

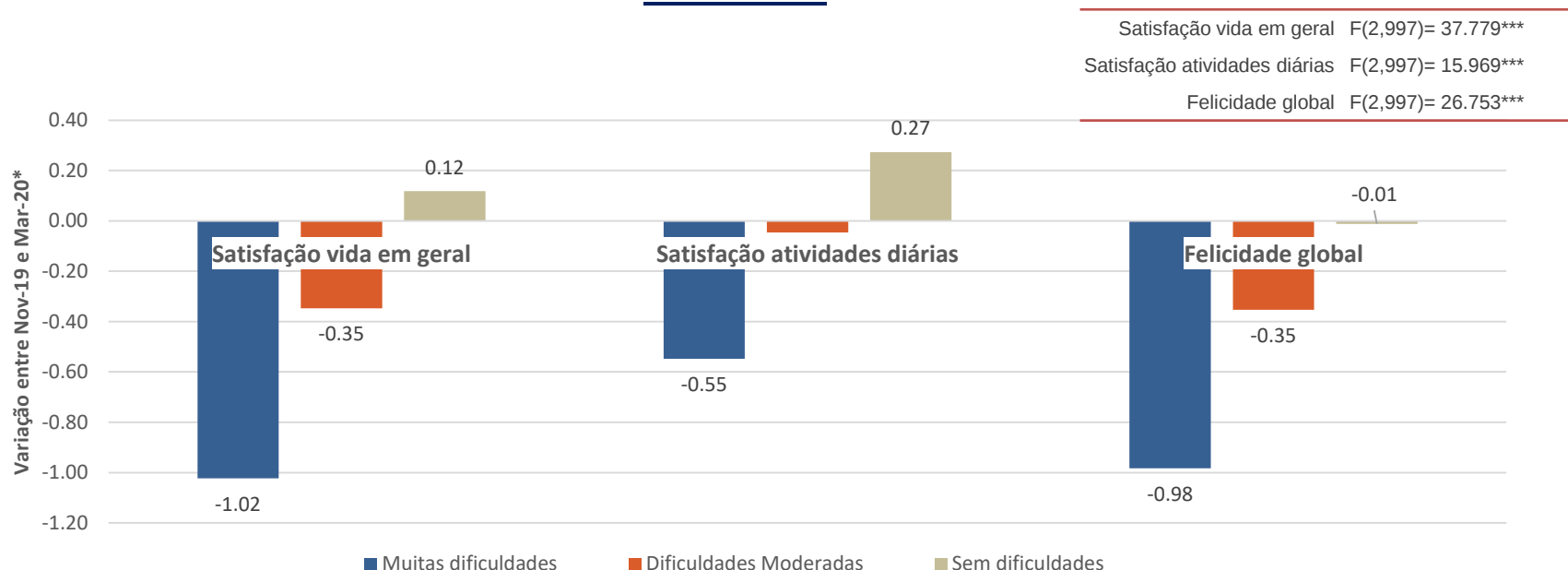


Figura 4 - Variação dos valores médios dos indicadores gerais de felicidade e satisfação com a vida, entre novembro de 2019 março de 2020, por níveis de dificuldade financeira. *Os valores de variação foram calculados subtraindo ao valor médio de Março 2020 de cada grupo, o valor médio de Novembro de 2019

Testaram-se as diferenças dos indicadores consoante os níveis de dificuldade financeira. Verifica-se que os participantes com maiores dificuldades são aqueles que apresentam maior variação negativa, nos três indicadores.

Variação dos indicadores entre Novembro 2019 e Março 2020, por faixa etária

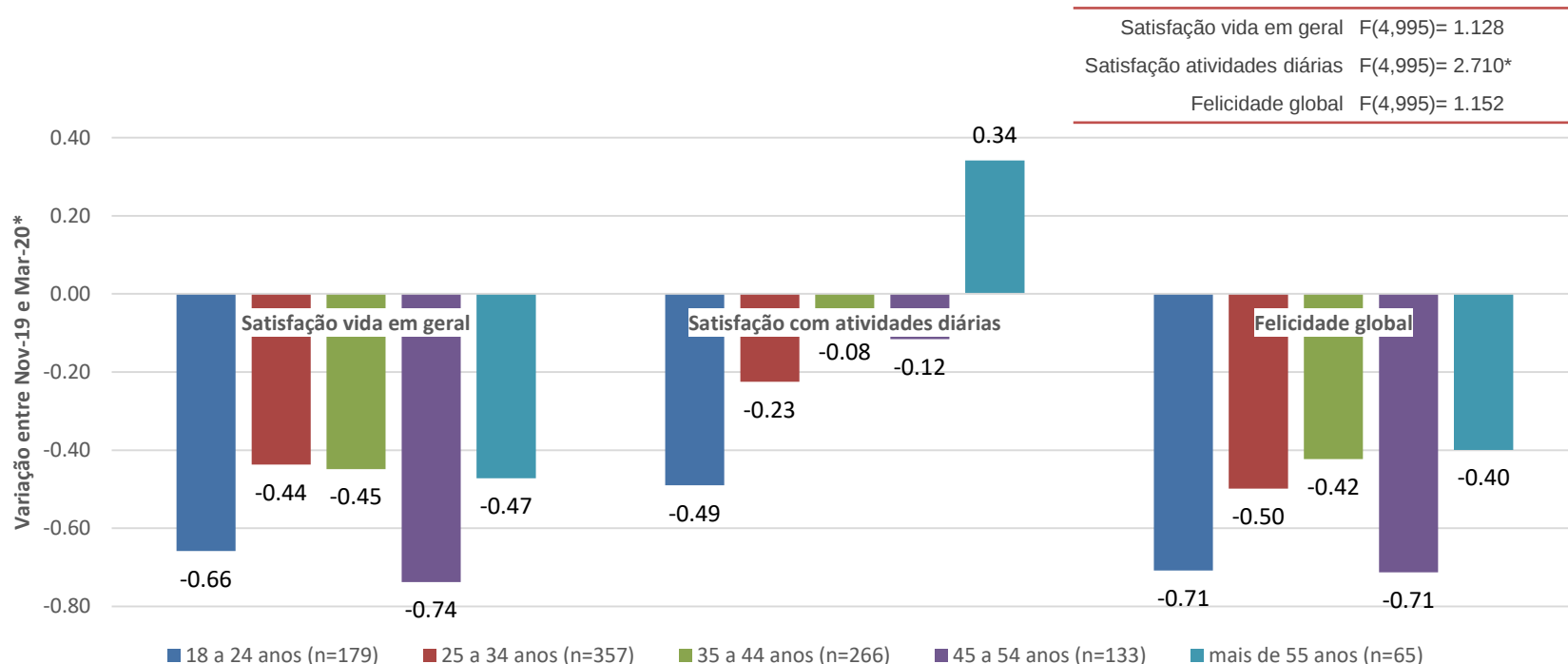


Figura 5 - Variação dos valores médios dos indicadores gerais de felicidade e satisfação com a vida, entre novebro de 2019 e março de 2020, por faixa etária

*Os valores de variação foram calculados subtraindo ao valor médio de Março 2020 de cada grupo, o valor médio de Novembro de 2019

Participantes mais jovens e participantes da faixa etária dos 45-54 anos apresentam uma maior variação negativa na satisfação com a vida em geral e na felicidade global. Participantes mais velhos apresentam maior variação positiva no que diz respeito à satisfação com as atividades diárias.

II. BEM ESTAR COM A VIDA



Os resultados relativos ao bem-estar hedónico/ pessoal sugerem que os participantes estão em média satisfeitos com a vida, tendo-se observado um decréscimo acentuado em duas dimensões. Estas dimensões com decréscimo mais acentuado são relevantes e informativas no atual estado de emergência. São estas a “segurança (quando se desloca pelas ruas)” e a “segurança do seu futuro”, com um decréscimo de respetivamente -6.39% e -5.33%. Salienta-se por outro lado, o aumento da satisfação com “a quantidade de tempo que tem para fazer as coisas que realmente quer fazer” que aumentou 11.24%, comparativamente ao período homólogo. Em alinhamento com a secção anterior, este foi um aumento acentuado para participantes sem dificuldades financeiras e poderá revelar a valorização de algumas características positivas resultantes do isolamento social por parte dos portugueses participantes neste estudo.

Nesta secção estudamos o **índice de bem-estar pessoal**, e os **valores de satisfação em domínios específicos da vida**, recolhidos tipicamente no mês de março, iniciada a recolha em outubro de 2015. O bem-estar hedónico/pessoal pretende avaliar a satisfação individual de cada participante relativamente a domínios específicos das suas vidas: segurança, saúde, qualidade do meio, relações pessoais e sentimento de pertença à comunidade, quantidade de tempo para atividades pessoais/lazer, e nível de vida.

A Figura 6 apresenta os resultados relativos ao bem-estar hedónico/ pessoal, medido através de uma pergunta geral (i.e., “Qual o seu grau de satisfação com a sua vida em geral”) e nove afirmações sobre domínios específicos, e utilizando uma escala que varia entre 0 e 10 pontos (com valores superiores a indicarem maior satisfação). Na evolução destes índices com os valores obtidos em março de 2019, verifica-se uma variação mais acentuada nas atitudes dos portugueses face ao bem estar e satisfação em domínios específicos da vida relevantes e informativos no atual estado de emergência.

Os resultados relativos ao bem-estar hedónico/ pessoal sugerem que os participantes estão em média satisfeitos com a vida ($M = 6.46$; $DP = 1.68$), mas que apresentam um decréscimo nas dimensões relacionadas com segurança.

Apresentaremos esta evolução desde outubro de 2015 (Figura 6) e os resultados das comparações dos indicadores com maior variação neste período por condições de dificuldade financeira e situação perante o trabalho (Figuras 7 e 8). Testaram-se as diferenças dos indicadores também entre as diferentes faixas etárias mas estas não serão representadas graficamente por não serem significativas estatisticamente.

Bem-estar pessoal e satisfação em domínios específicos da vida

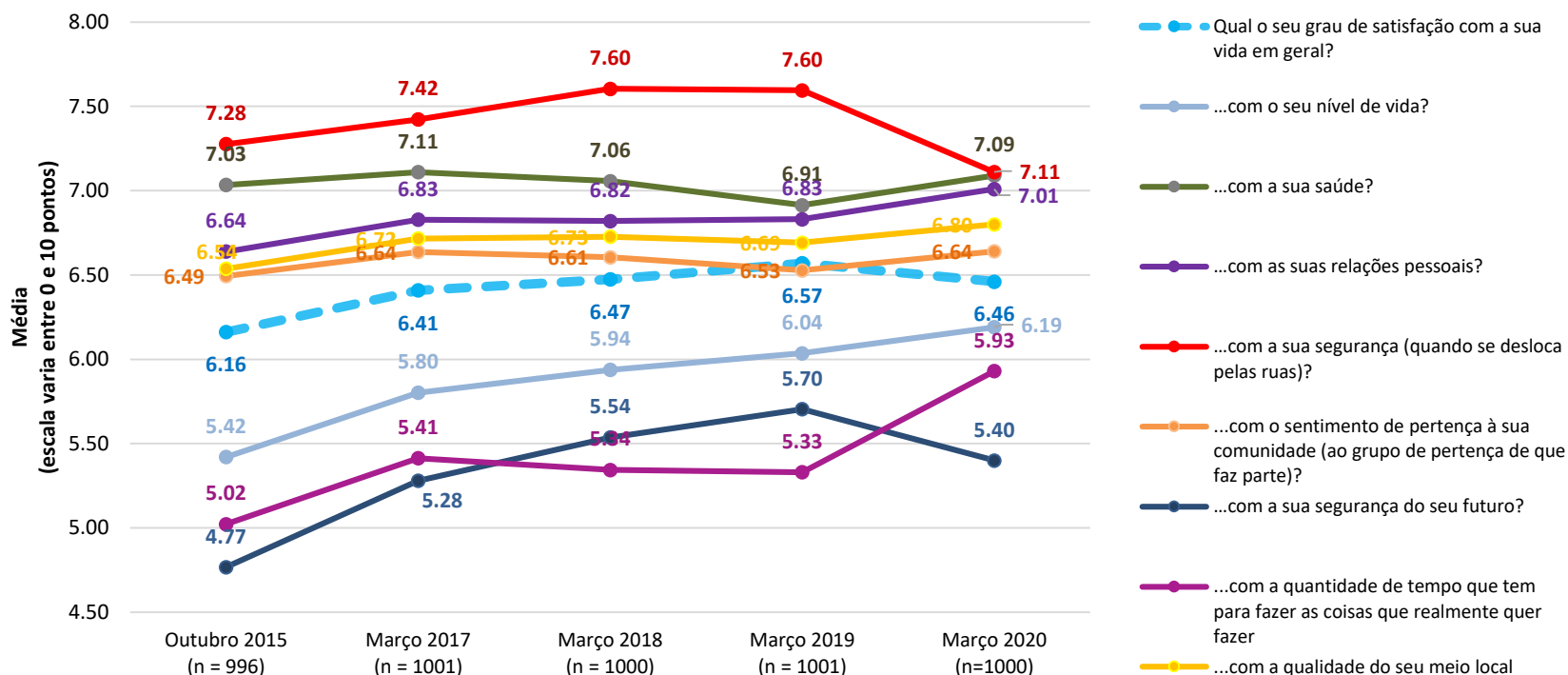


Figura 6 - Evolução dos valores índice de bem-estar pessoal e de satisfação em domínios específicos da vida, entre outubro de 2015 e março de 2020 (0= Totalmente insatisfeito(a) e 10= Totalmente satisfeito(a))



Comparativamente a março de 2019, as duas dimensões com decréscimo mais acentuado, de respetivamente -6.39% e -5.33%, são a “segurança (quando se desloca pelas ruas)” e a “segurança do seu futuro”. Salienta-se também o aumento acentuado da satisfação com “a quantidade de tempo que tem para fazer as coisas que realmente quer fazer” que aumentou 11.24%.

Variação dos indicadores entre Novembro 2019 e Março 2020, por níveis de dificuldade financeira

Segurança	$F(2,997)= 18.011^{***}$
Segurança no futuro	$F(2,997)= 41.554^{***}$
Quantidade de tempo que tem para fazer as coisas que realmente quer fazer	$F(2,997)= 23.722^{***}$

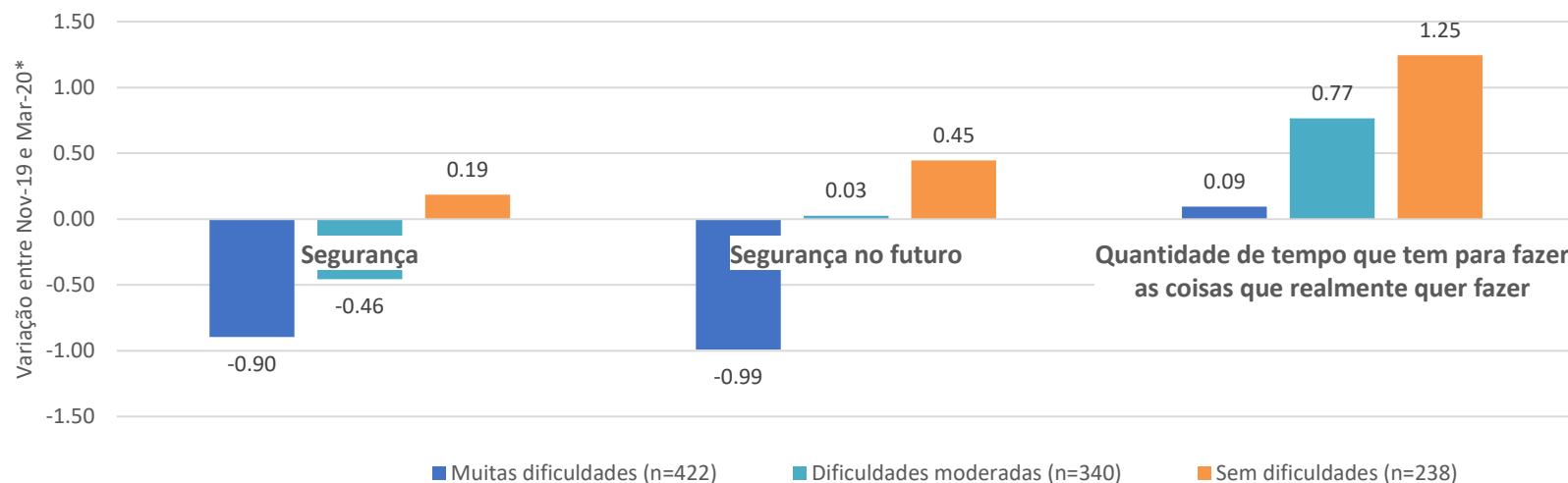


Figura 7 - Variação dos valores índice de satisfação em domínios específicos da vida, entre novembro de 2019 e março de 2020, por níveis de dificuldade financeira

Os participantes com muitas dificuldades financeiras reportam uma variação mais negativa nos indicadores de segurança (e.g., a circular nas ruas) e segurança no futuro. Por outro lado, os participantes sem dificuldades financeiras apresentam uma variação mais positiva quando avaliam a quantidade de tempo que têm para fazer o que realmente querem fazer.

Variação dos indicadores entre Novembro 2019 e Março 2020, por situação perante o trabalho

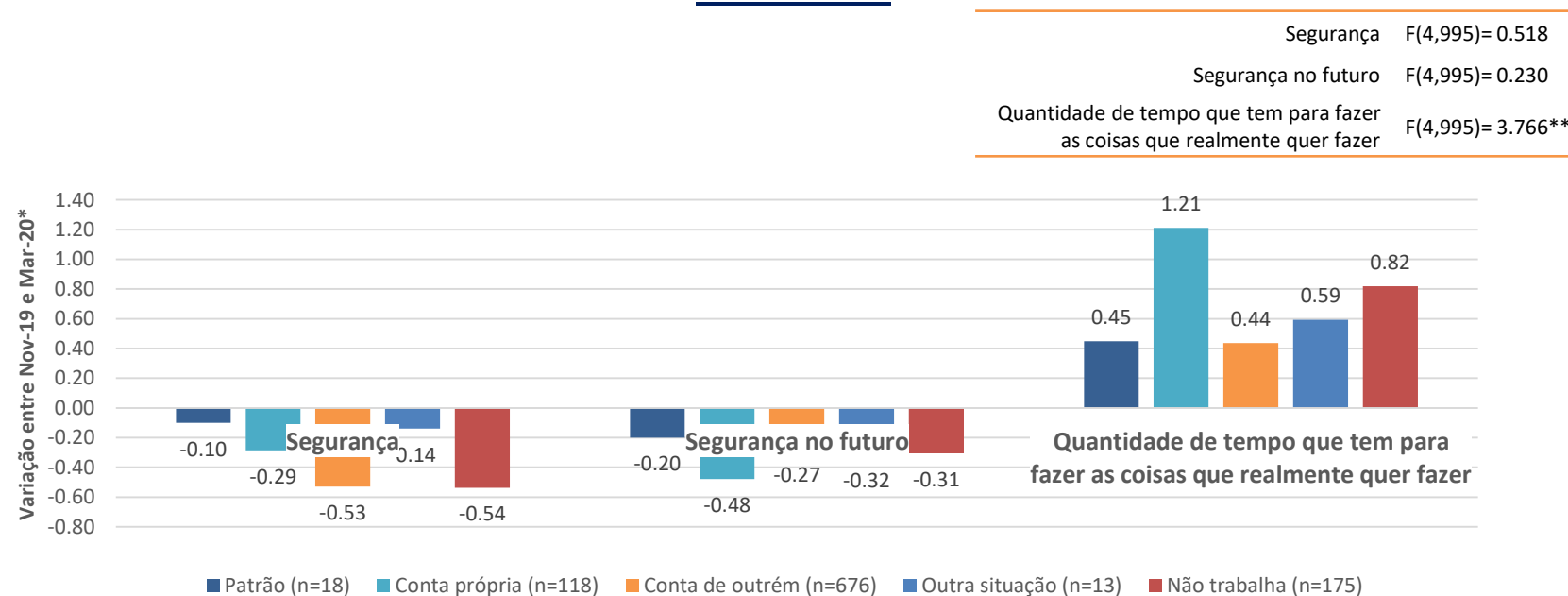


Figura 8 - Variação dos valores índice de satisfação em domínios específicos da vida, entre novembro de 2019 e março de 2020, por situação perante o trabalho

Os participantes que trabalham por conta própria apresentam uma variação mais positiva quando avaliam a quantidade de tempo que têm para fazer o que realmente querem fazer.

III. SATISFAÇÃO E PERCEÇÃO DE EFICÁCIA DAS MEDIDAS DAS ENTIDADES ENVOLVIDAS NO COMBATE À PANDEMIA COVID-19



Os participantes reportaram níveis de satisfação especialmente elevados e avaliam com eficácia muito alta as medidas tomadas pelo pessoal médico, enfermagem e técnicos auxiliares de saúde do SNS. Um resultado possivelmente revelador da gratidão dos participantes pela atuação dos profissionais de saúde face à atual pandemia. De uma forma geral, os participantes de todos os níveis financeiros estão satisfeitos e percecionam com eficácia a atuação das diferentes entidades. Embora satisfeitos com as medidas, os participantes com muitas dificuldades financeiras estão ligeiramente menos satisfeitos com as medidas das diferentes entidades e consideram estas medidas um pouco menos eficazes do que os participantes dos restantes grupos.

Nesta secção apresentamos os níveis de **satisfação** e grau de **eficácia percebida relativamente às medidas tomadas por diversas instituições face ao novo coronavírus** (Figura 9). É interessante verificar que a generalidade dos participantes reportaram **níveis de satisfação muito elevados face às medidas tomadas pelo pessoal médico, enfermagem e técnicos auxiliares de saúde do SNS** ($M = 6.26$; $DP = 1.08$), e **níveis de satisfação moderadamente elevados** face às medidas tomadas pelas **Forças de segurança e proteção** ($M = 5.31$; $DP = 1.32$), pelos **Serviços de apoio à população prestados pelas juntas de freguesia** ($M = 5.04$; $DP = 1.48$), pelos **Municípios** ($M = 4.77$; $DP = 1.43$), pelo **Governo** ($M = 4.77$; $DP = 1.52$) e pela **Direção Geral de Saúde** ($M = 4.63$; $DP = 1.60$).

O grau de satisfação dos participantes com as medidas implementadas por diversas entidades foi avaliado através da questão “*Face ao estado de emergência nacional decretado pelo Presidente da República no passado dia 12 de Março, por favor indique em que medida está satisfeito(a) ou insatisfeito(a) com as medidas tomadas pelas seguintes entidades*” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Muito insatisfeito(a)*” e 7 a “*Muito satisfeito(a)*”.

Níveis Satisfação e Percepção de Eficácia das medidas iniciadas por diferentes entidades

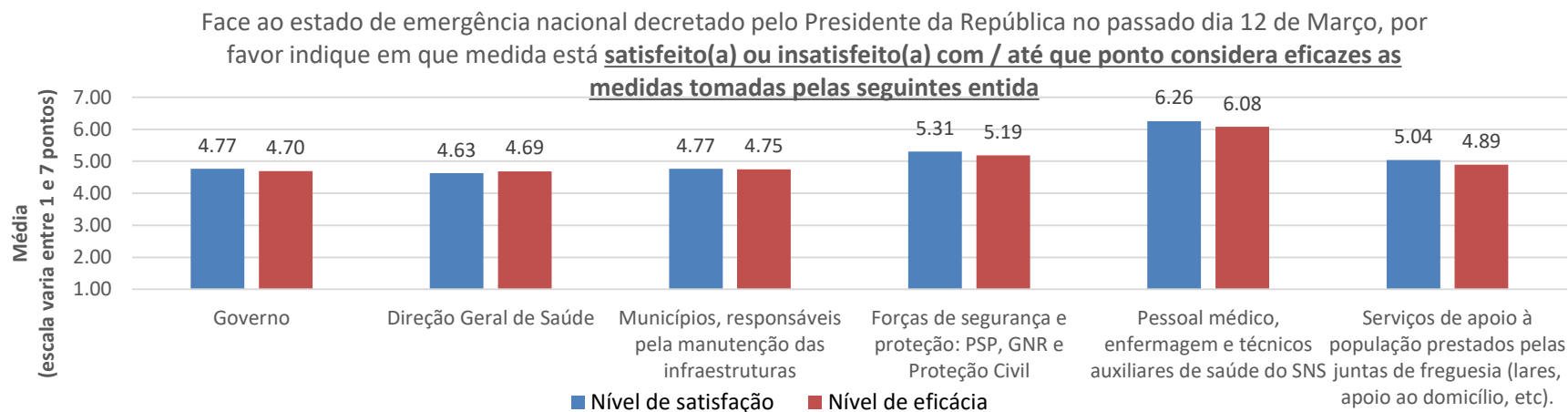


Figura 9 - Níveis Satisfação e Percepção de Eficácia com medidas iniciadas por diferentes entidades (1= Muito insatisfeito(a)/Nada eficazes e 7=Muito satisfeito(a)/Muito eficazes)

Os participantes reportaram **níveis bastante elevados de eficácia percebida face às medidas iniciadas pelo pessoal médico, enfermagem e técnicos auxiliares de saúde do SNS** ($M = 6.08$; $DP = 1.08$), e níveis **moderadamente elevados de eficácia percebida** face às medidas tomadas pelas **Forças de segurança e proteção** ($M = 5.19$; $DP = 1.33$), pelos **Serviços de apoio à população prestados pelas juntas de freguesia** ($M = 4.89$; $DP = 1.40$), pelos **Municípios** ($M = 4.75$; $DP = 1.36$), pelo **Governo** ($M = 4.70$; $DP = 1.47$) e pela **Direção Geral de Saúde** ($M = 4.69$; $DP = 1.54$).

O grau de eficácia percebida pela sociedade Portuguesa acerca das medidas implementadas por diversas entidades foi avaliado através da questão “Por favor indique até que ponto considera eficazes as medidas tomadas para combater o novo coronavírus pelas seguintes entidades” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “Nada eficazes” e 7 a “Muito eficazes”.

Apresentaremos os resultados das comparações dos indicadores satisfação e eficácia de medidas de combate à pandemia COVID-19 por condições de dificuldade financeira (Figuras 10 e 11). Testaram-se as diferenças dos indicadores também entre as diferentes faixas etárias e situação perante o trabalho mas estas não serão representadas graficamente por não serem significativas estatisticamente.

Satisfação com medidas iniciadas por diferentes entidades, por níveis de dificuldade financeira

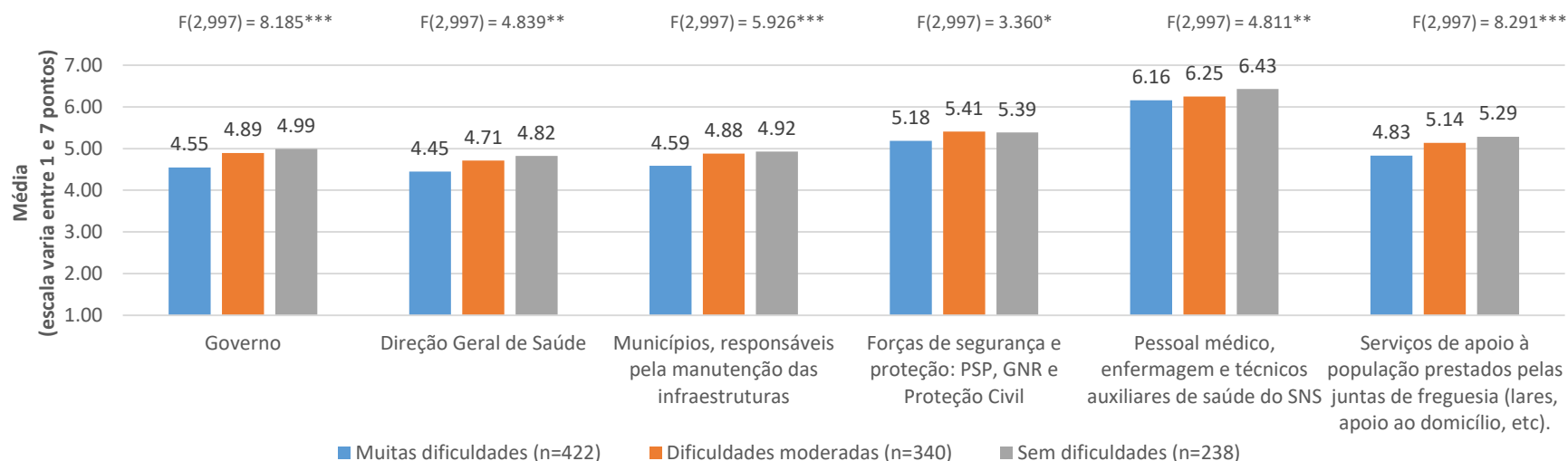


Figura 10 - Satisfação com medidas iniciadas por diferentes entidades, por níveis de dificuldade financeira

Embora satisfeitos, os participantes com muitas dificuldades financeiras estão um pouco menos satisfeitos com a atuação das diferentes entidades.

Perceção de Eficácia com medidas iniciadas por diferentes entidades, por níveis de dificuldade financeira

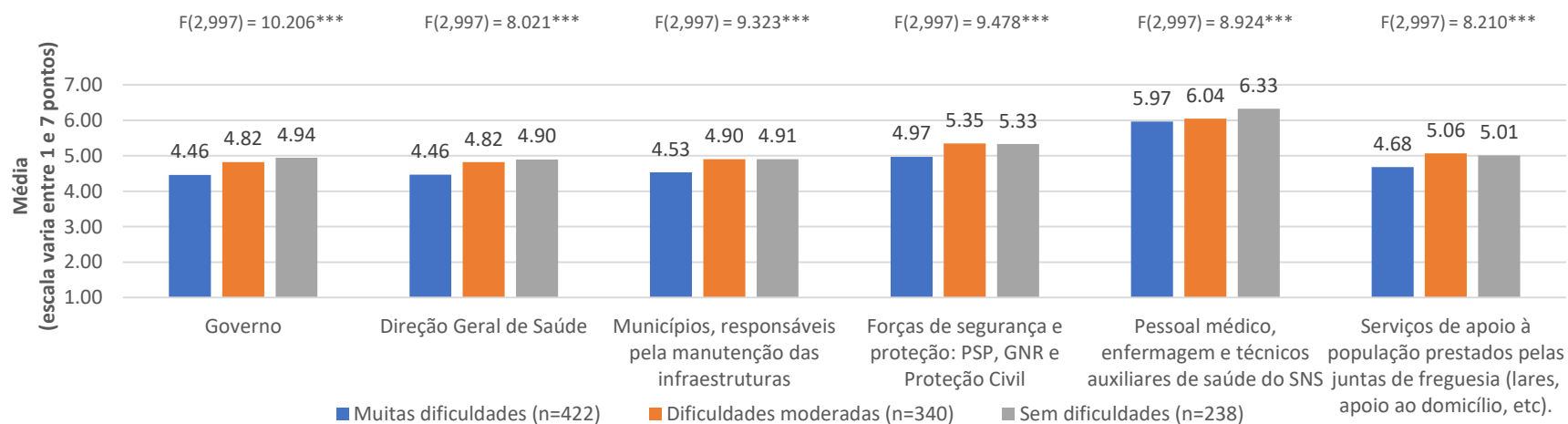


Figura 11 - Perceção de Eficácia com medidas iniciadas por diferentes entidades, por níveis de dificuldade financeira

Também no que toca à percepção de eficácia, os participantes com muitas dificuldades financeiras consideram as diferentes entidades menos eficazes.

IV. CONCORDÂNCIA E PERCEÇÃO DE EFICÁCIA DAS MEDIDAS ESPECÍFICAS de COMBATE à PANDEMIA COVID-19



No que concerne às medidas de contingência especificamente implementadas pelo para combate à epidemia COVID-19, os portugueses participantes neste estudo apresentam níveis de concordância muito elevados para todas as medidas. A medida com que mais concordam é o confinamento obrigatório dos doentes Covid-19 e pessoas em vigilância pela DGS, e a medida com que menos concordam é a suspensão de atividades no âmbito da prestação de serviços.

No que diz respeito às medidas de apoio à economia implementadas pelo Governo, os participantes estão menos confiantes na eficácia das medidas de proteção dos postos de trabalho e nas medidas de apoio às empresas.

Nesta secção apresentamos os níveis de concordância e eficácia percebida relativamente a medidas específicas implementadas pelo Governo face à pandemia Covid-19 (Figura 12 e 14). Apresentaremos os resultados das comparações dos indicadores concordância e eficácia de medidas de combate à pandemia COVID-19 por condições de dificuldade financeira (Figuras 13 e 15). Testaram-se as diferenças dos indicadores também entre as diferentes faixas etárias e situação perante o trabalho mas estas não serão representadas graficamente por não serem significativas estatisticamente.

O nível de **concordância da sociedade Portuguesa com as diferentes medidas de contingência implementadas pelo Governo** foi avaliado através da questão “Por favor indique até que ponto concorda com as seguintes medidas de contingência implementadas pelo Governo” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “Discordo totalmente”, 7 a “Concordo totalmente” e 4 a corresponder a “Não concordo nem discordo”.

O nível de **eficácia percebida pela sociedade Portuguesa relativamente às medidas de apoio à Economia implementadas pelo Governo** foi avaliado através da questão “Por favor, indique até que ponto é que considera que serão eficazes as medidas de apoio à economia implementadas pelo Governo:” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “Nada eficazes”, 7 a “Muito eficazes” e 4 a corresponder a “Nem muito nem pouco eficazes”.

Concordância com as medidas de contingência implementadas pelo Governo

Por favor indique até que ponto concorda com as seguintes medidas de contingência implementadas pelo Governo:

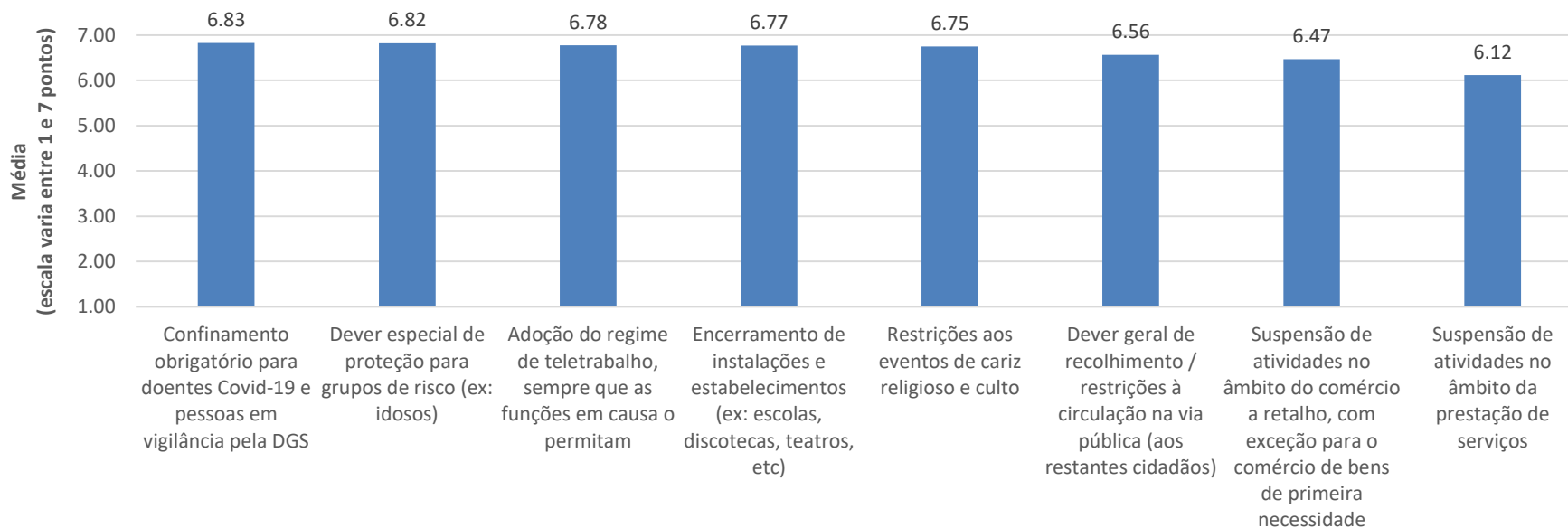


Figura 12 – Concordância dos participantes com as diversas medidas de contingência (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes reportaram níveis de concordância muito elevados para todas as medidas, nomeadamente **Confinamento obrigatório para doentes Covid-19 e pessoas em vigilância pela DGS** ($M = 6.83$; $DP = 0.65$), **Dever especial de proteção para grupos de risco (ex: idosos)** ($M = 6.82$, $DP = 0.65$), **Adoção do regime de teletrabalho, sempre que as funções em causa o permitam** ($M = 6.78$, $DP = 0.71$), **Encerramento de instalações e estabelecimentos (ex: escolas, discotecas, teatros, etc)** ($M = 6.77$; $DP = 0.72$), **Restrições aos eventos de cariz religioso e culto** ($M = 6.75$; $DP = 0.78$), **Dever geral de recolhimento / restrições à circulação na via pública (aos restantes cidadãos)** ($M = 6.56$; $DP = 1.00$), **Suspensão de atividades no âmbito do comércio a retalho, com exceção para o comércio de bens de primeira necessidade** ($M = 6.47$; $DP = 1.07$) e **Suspensão de atividades no âmbito da prestação de serviços** ($M = 6.12$; $DP = 1.28$).

Concordância com as medidas de contingência implementadas pelo Governo, por níveis de dificuldade financeira

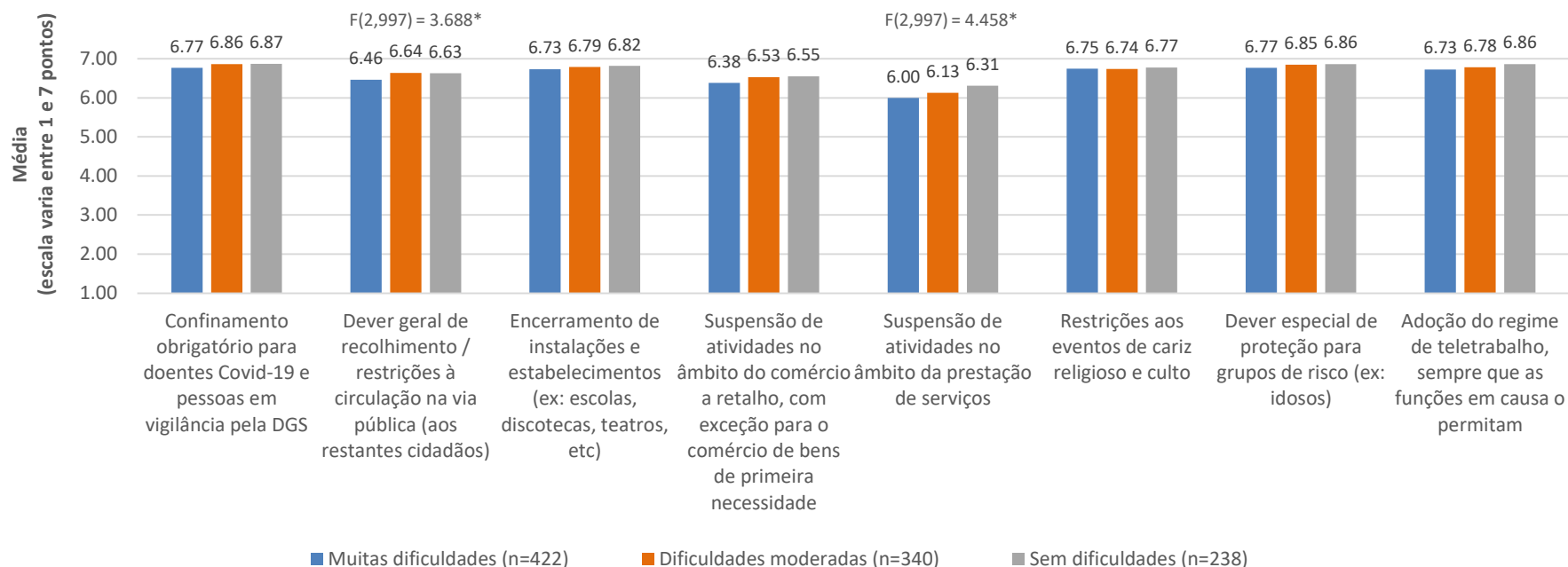


Figura 13– Diferença nos níveis de concordância com medidas específicas, por níveis de dificuldade financeira

Os participantes com muitas dificuldades financeiras concordam ligeiramente menos com o dever de recolhimento e com a suspensão de atividades no âmbito de prestação de serviços.

Perceção de eficácia das medidas de apoio à economia

Por favor indique até que ponto é que **considera que serão eficazes as medidas de apoio à economia implementadas pelo Governo:**

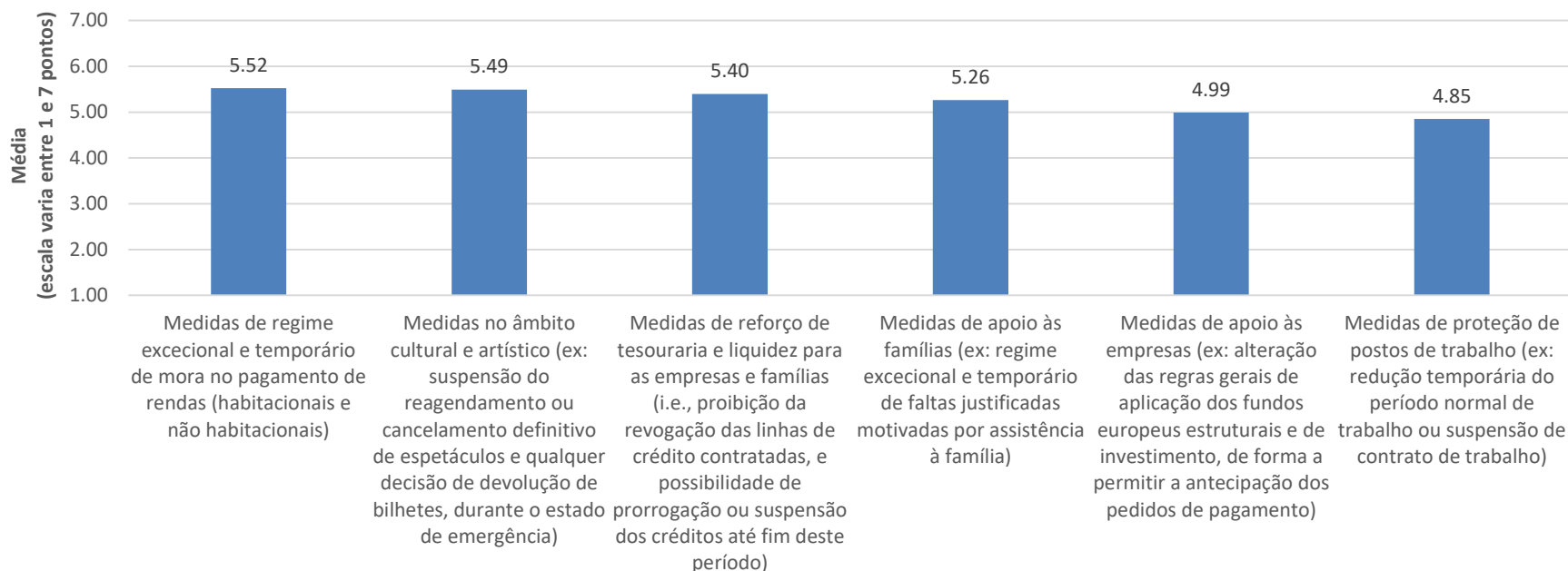


Figura 14 – Avaliação da eficácia das diversas medidas de apoio à economia (escala varia entre 1 = “Nada eficazes” e 7 = “Muito eficazes”)

Os participantes aparentam acreditar na eficácia da generalidade das medidas, reportando **níveis de eficácia percebida moderadamente elevados para todas as medidas**, nomeadamente no que diz respeito às **Medidas de regime excecional de mora no pagamento de rendas** ($M = 5.52$, $DP = 1.44$), **Medidas no âmbito cultural e artístico** ($M = 5.49$, $DP = 1.50$), **Medidas de reforço de tesouraria e liquidez para as empresas e famílias** ($M = 5.40$, $DP = 1.48$), **Medidas de apoio às famílias** ($M = 5.26$, $DP = 1.52$), **Medidas de apoio às empresas** ($M = 4.99$, $DP = 1.52$) e **Medidas de proteção de postos de trabalho** ($M = 4.85$, $DP = 1.50$).

Eficácia percebida face às medidas de apoio à economia implementadas pelo Governo, por níveis de dificuldade financeira

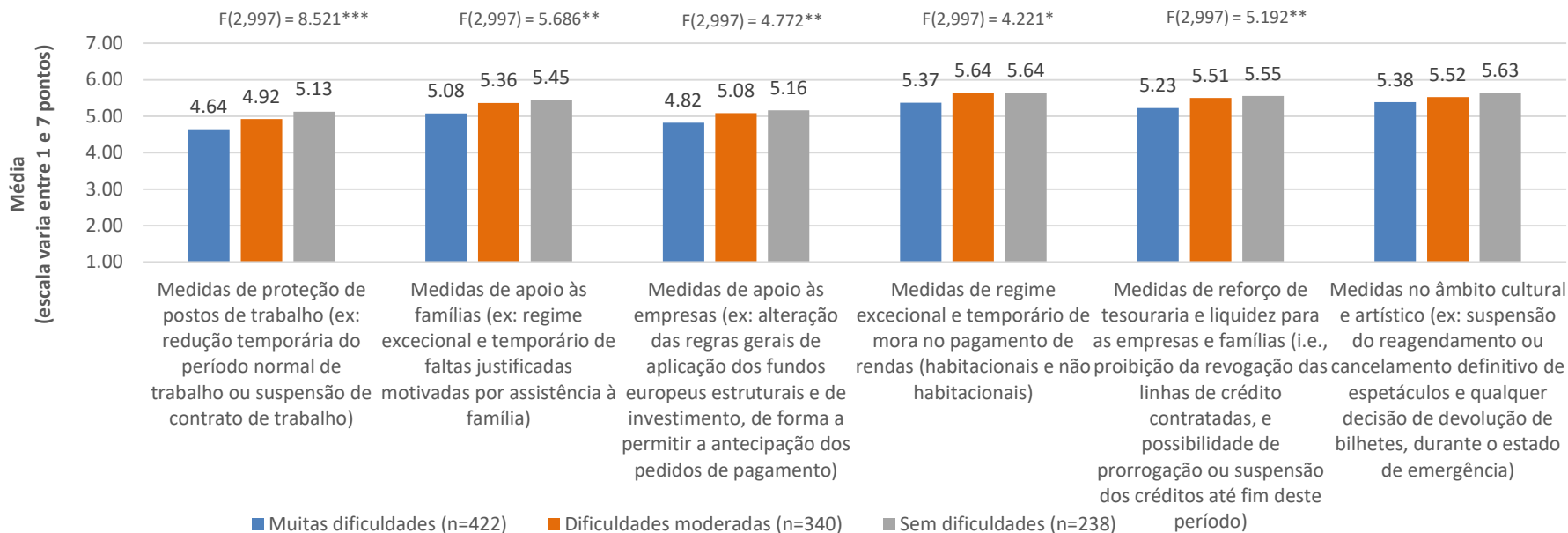


Figura 15 – Diferenças no nível de eficácia percebida das diversas medidas de apoio à economia (escala varia entre 1 = “Nada eficazes” e 7 = “Muito eficazes”), por níveis de dificuldade financeira

Os participantes com muitas dificuldades financeiras consideram ligeiramente menos eficazes as medidas de proteção ao emprego, de apoio às famílias, de apoio às empresas, medidas excecionais no pagamento de rendas e medidas de reforço de tesouraria e liquidez das empresas e famílias.

V. HÁBITOS DE CONSUMO



Como pontos principais a destacar nesta secção é importante realçar um sentimento por parte dos participantes que irão voltar a consumir apenas moderadamente, em relação à forma como o faziam antes da pandemia algo pouco positivo para a recuperação económica que se avizinha ser necessária. No que diz respeito a produtos que esperam vir a consumir verificam-se intenções elevadas de começar a consumir produtos mais saudáveis, mais sustentáveis e que possam ser partilhados com outros, reforçando possivelmente um sentimento de pertença. Participantes de todos os níveis financeiros demonstram-se pouco inclinados a comprarem produtos mais caros e/ou de luxo, e esta intenção é mais acentuada para participantes com muitas dificuldades financeiras

Nesta secção são apresentados os resultados dos **indicadores de hábitos de consumo em final de Março 2020**, apresentando também alterações nos hábitos de consumo dos Portugueses que participaram neste estudo (Figura 16 e 18).

Apresentaremos os resultados das comparações dos **indicadores das intenções de consumo geral e específico após a pandemia** por condições de dificuldade financeira (Figuras 17 e 19). Testaram-se as diferenças dos indicadores também entre as diferentes faixas etárias e situação perante o trabalho mas estas não serão representadas graficamente por não serem significativas estatisticamente.

Intenções de Consumo após pandemia

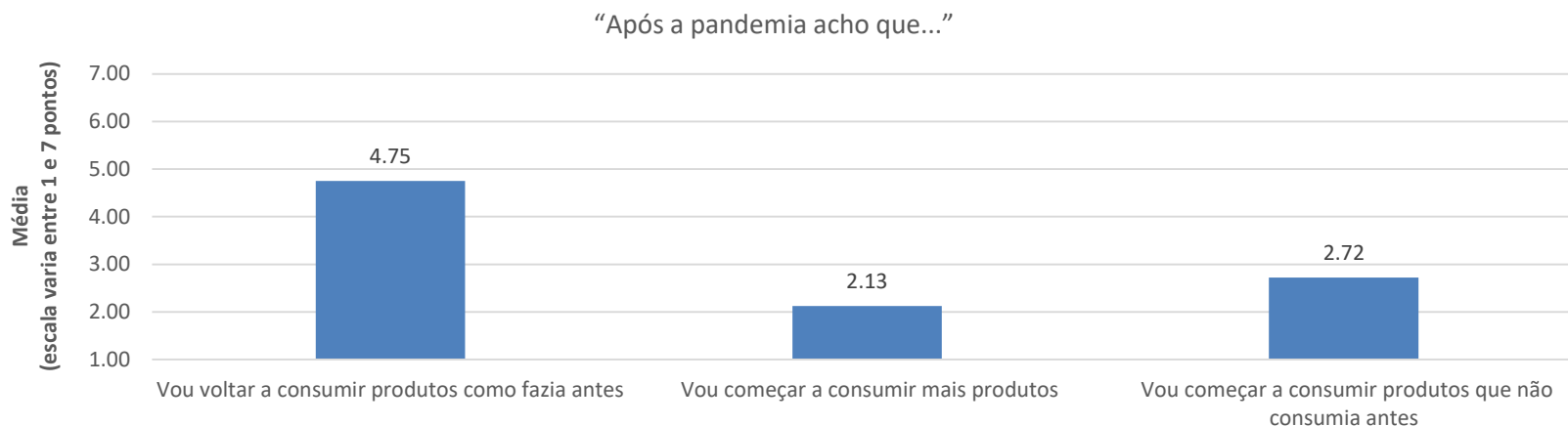


Figura 16 – Hábitos de consumo após a pandemia (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes reportaram **que, após a pandemia, tencionam moderadamente voltar a consumir produtos como faziam antes** (M = 4.75; DP = 1.84), apresentam **reduzidas intenções de começarem a consumir mais produtos** (M = 2.13; DP = 1.33) e reduzidas intenções de **começar a consumir produtos que não consumiam antes** (M = 2.72; DP = 1.72).

Estas variáveis foram aferidas perguntando aos participantes “Gostávamos agora de lhe fazer algumas perguntas sobre os seus hábitos de consumo, quando a pandemia acabar e a vida quotidiana retomar ao normal. Por favor indique até que ponto concorda com cada uma das afirmações abaixo apresentadas”, e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Discordo Totalmente*” e 7 a “*Concordo Totalmente*”.

Intenções de Consumo após pandemia, por níveis de dificuldade financeira

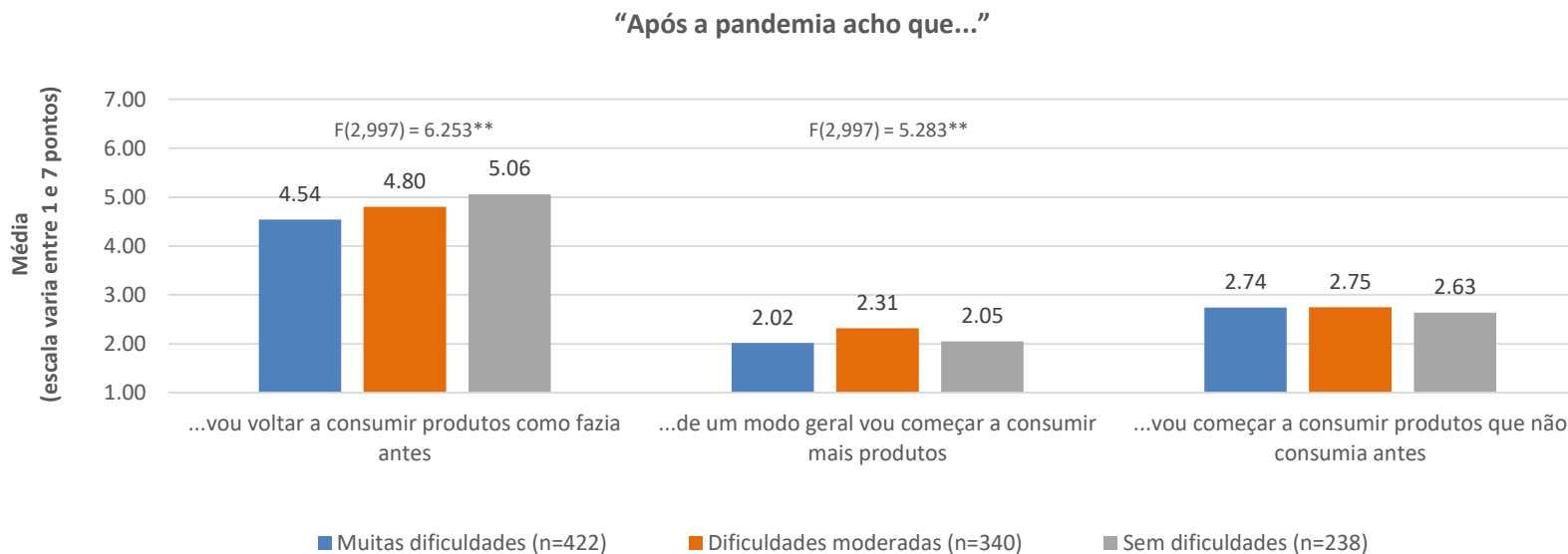


Figura 17– Hábitos de consumo após a pandemia, por níveis de dificuldade financeira (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes com muitas dificuldades financeiras indicam menores níveis de concordância relativamente a voltarem a consumir como o faziam antes. Os participantes com dificuldades moderadas são os que mais concordam que irão consumir mais produtos.

Intenções de Consumo Específico após pandemia

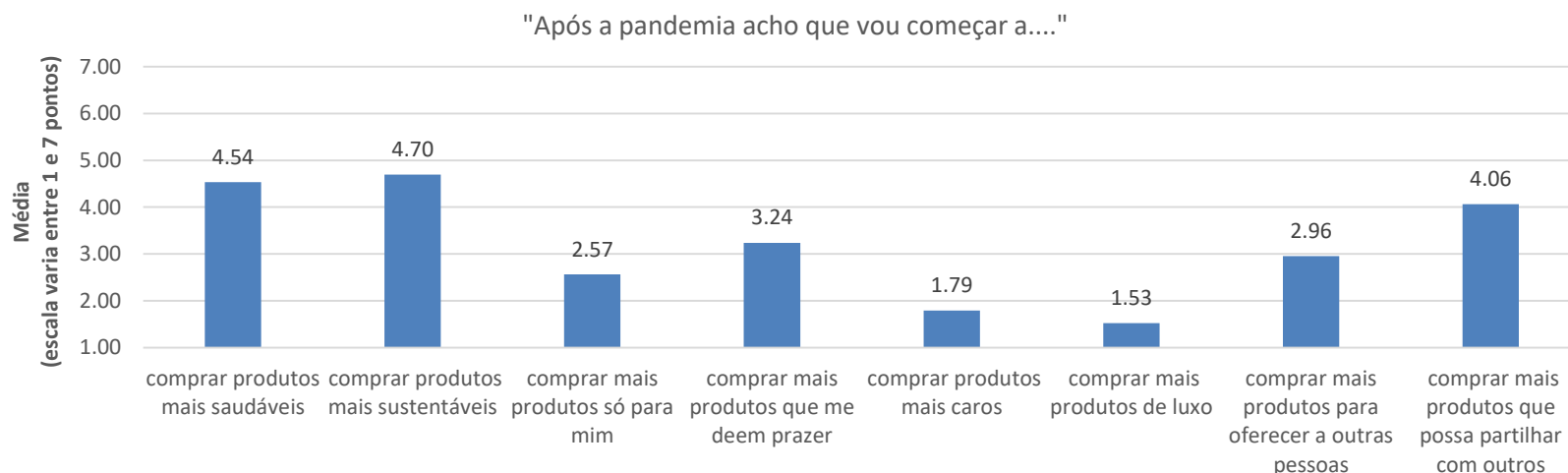


Figura 18 – Hábitos específicos de consumo após a pandemia (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

No que diz respeito a hábitos específicos de consumo, os participantes reportaram **que tencionam começar a consumir produtos mais saudáveis** ($M = 4.54$; $DP = 1.72$) e **produtos mais sustentáveis** ($M = 4.70$; $DP = 1.65$), assim **como comprar mais produtos que possam partilhar com outros** ($M = 4.06$; $DP = 1.74$).

Em termos mais moderados os participantes também parecem mostrar alguma inclinação para **comprarem produtos que lhes deem prazer** ($M = 3.24$; $DP = 1.74$) e que **possam oferecer a outras pessoas** ($M = 2.96$; $DP = 1.62$).

Os participantes indiciam uma reduzida inclinação para **comprarem produtos só para eles** ($M = 2.57$; $DP = 1.47$), assim **como produtos mais caros** ($M = 1.79$; $DP = 1.15$) **ou de luxo** ($M = 1.53$; $DP = 0.99$) **aparentando um desejo de afastamento de comportamentos materialistas**.

Estas variáveis foram aferidas perguntando aos participantes “Gostávamos agora que nos indicasse que tipo de produtos espera vir a consumir, quando a pandemia acabar e a vida quotidiana retomar ao normal. Por favor indique até que ponto concorda com cada uma das afirmações abaixo apresentadas:”, e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “Discordo Totalmente” e 7 a “Concordo Totalmente”.

Intenções de Consumo Específico após pandemia, por níveis de dificuldade financeira

"Após a pandemia acho que vou começar a...."

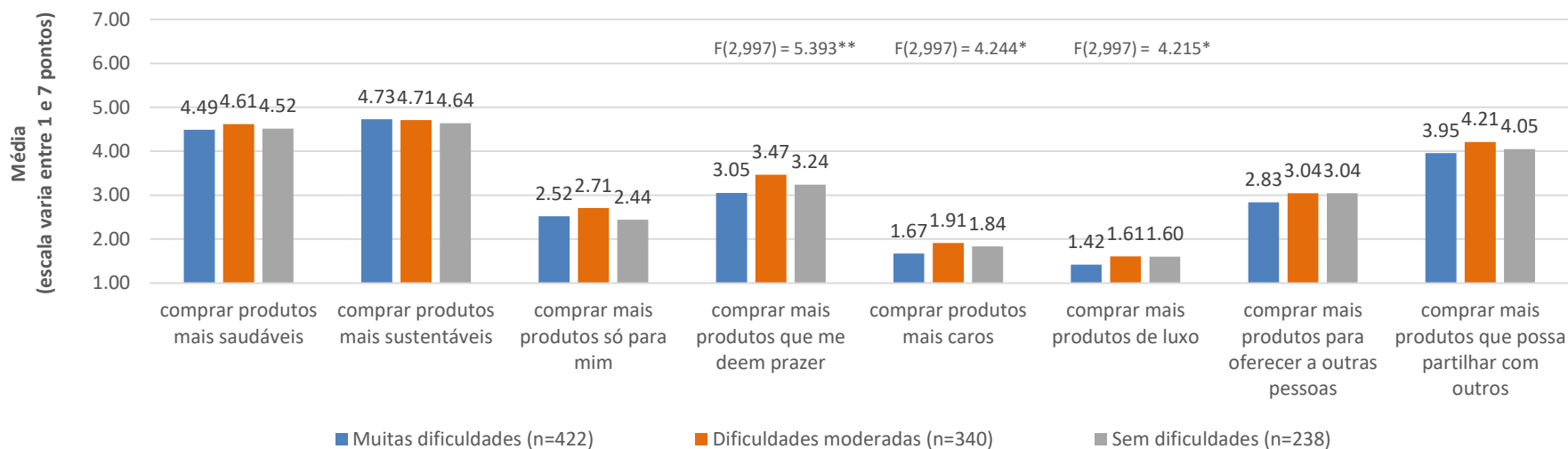
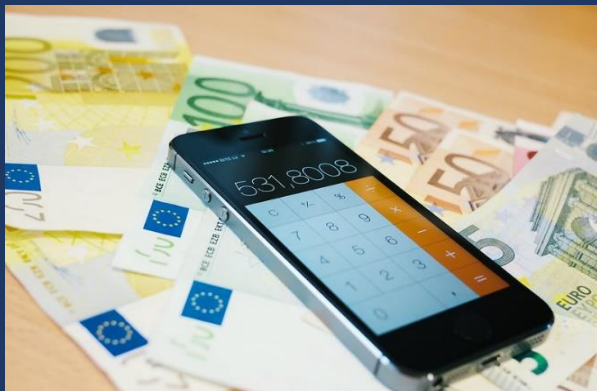


Figura 19 – Hábitos específicos de consumo após a pandemia (escala varia entre 1 = "Discordo totalmente" e 7 = "Concordo totalmente")

Os participantes com muitas dificuldades financeiras indicam menores níveis de concordância relativamente a comprarem produtos que lhes deem prazer, mais caros e/ou de luxo.

VI. RENDIMENTOS E HÁBITOS DE POUPANÇA



Possivelmente por nos encontrarmos num período de incerteza económica, os participantes mostram-se cautelosos e inclinados para poupar, tendo em conta que as duas dimensões com aumento mais acentuado, de respetivamente 6.5% e 6.1%, são a “Quando eu tenho algum dinheiro, eu poupo sempre algum” e a “Eu só faço compras exatamente do que eu preciso”. Globalmente, o Índice de Hábitos de Poupança aumentou 3.1%, comparativamente ao período homólogo. Os participantes com dificuldades financeiras moderadas consideram que terão um quebra mais acentuada nas suas poupanças, já os participantes sem dificuldades financeiras reportaram um possível impacto mais acentuado no seu rendimento, tendo em conta o prolongamento do estado de emergência.

Nesta secção são **estudados os hábitos de poupança em membros da sociedade Portuguesa e avaliação do seu rendimento atual**. Adicionalmente, serão apresentados os resultados relativamente à **perceção dos participantes do impacto da atual pandemia e estado de emergência no seu rendimento e capacidade de poupança, antes e durante da pandemia**.

Os resultados relacionados com os hábitos de poupança apresentados na Figura 20, medidos através de uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem maior concordância). No presente estudo, os participantes discordam, em média, que **quando têm algum dinheiro, o gastam imediatamente** ($M = 2.03$; $DP = 1.37$) e que **conveniência é mais importante que poupar dinheiro** ($M = 3.26$; $DP = 1.6$). Por outro lado, em média, os participantes concordam **que têm cuidado com a forma como gastam o dinheiro** ($M = 6.07$ $DP = 1.07$), que **quando têm algum dinheiro conseguem sempre poupar algum** ($M = 5.78$; $DP = 1.48$), e que **só fazem compras do que precisam** ($M = 5.08$; $DP = 1.48$).

No que concerne o **Índice de Hábitos de Poupança (IHP)**, obteve-se um valor médio de 5.53 pontos ($DP = 0.99$) o que sugere que os participantes reportam um nível positivo de hábitos de poupança.

Na Figura 21 apresenta-se a evolução do valor médio do **grau de facilidade em viver com o rendimento mensal líquido familiar** (escala varia entre 0 = “É muito difícil viver com o rendimento atual” e 10 = “Dá para viver confortavelmente com o rendimento atual”) e do valor médio **do grau de interesse em poupar** (escala de resposta recolhida entre 1 = “Nenhum interesse” e 10 = “Muito interesse”, e foi posteriormente transformada numa escala de 0 a 10 pontos), entre março 2017 e março de 2020.

Hábitos de Poupança

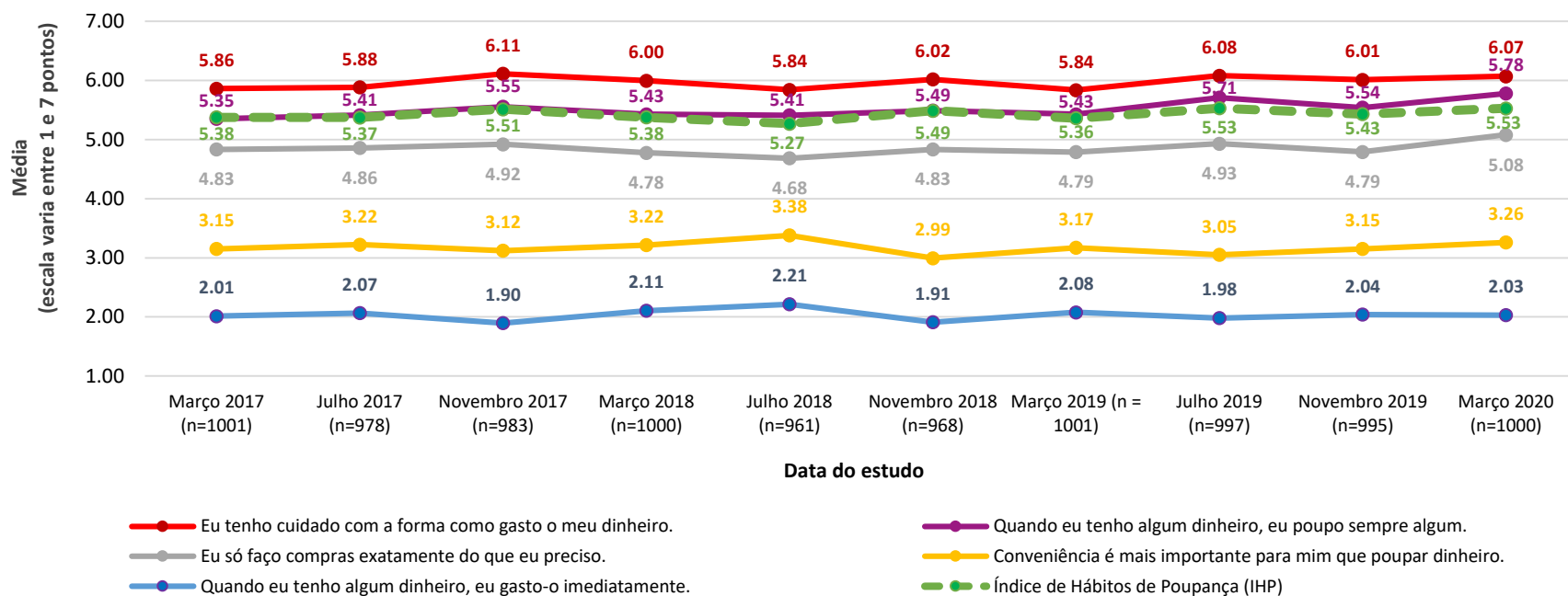
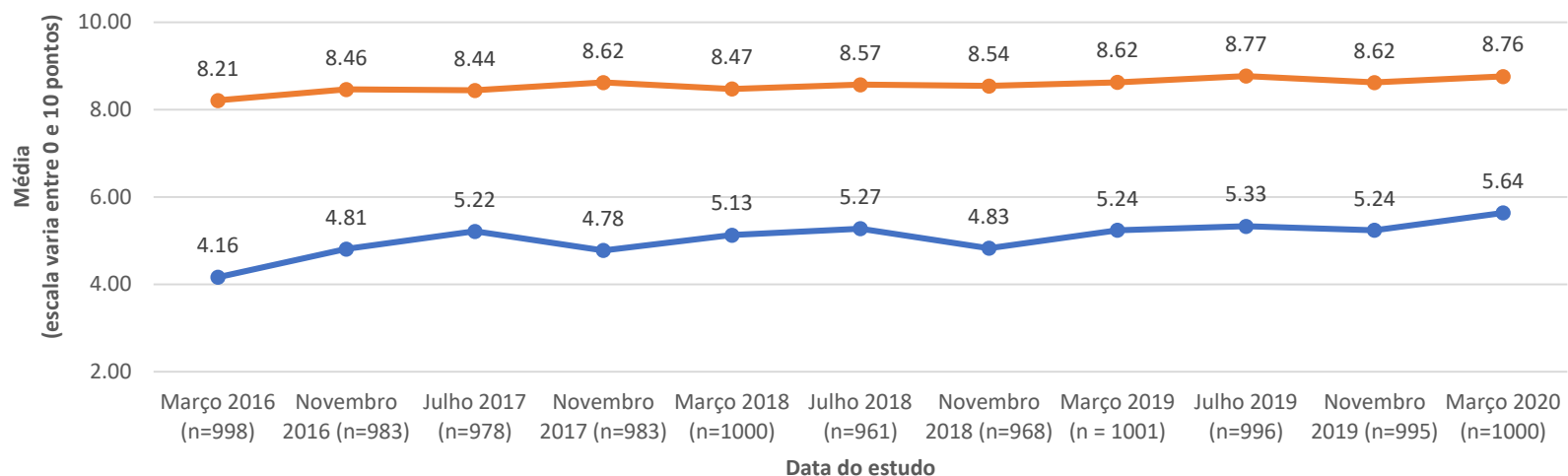


Figura 20- Evolução dos hábitos de poupança, entre março 2017 e março de 2020 (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)



Comparativamente a março de 2019 as duas dimensões com aumento mais acentuado, de respetivamente 6.5% e 6.1%, são a “Quando eu tenho algum dinheiro, eu poupo sempre algum” e a “Eu só faço compras exatamente do que eu preciso”. Salienta-se também a diminuição de -2.4% no grau de concordância com o item “Quando eu tenho algum dinheiro, eu gasto-o imediatamente.” Globalmente, o Índice de Hábitos de Poupança aumentou 3.1%, comparativamente ao período homólogo.

Avaliação do rendimento e interesse em poupar



— No geral, como é que avalia o rendimento mensal líquido atual do seu agregado familiar? — Indique qual o seu grau de interesse em poupar?

Figura 21 - Evolução do valor médio do grau de facilidade em viver com o rendimento mensal líquido familiar (escala varia entre 0 = “É muito difícil viver com o rendimento atual” e 10 = “Dá para viver confortavelmente com o rendimento atual”) e do valor médio do grau de interesse em poupar (escala de resposta recolhida no questionário entre 1 = “Nenhum interesse” e 10 = “Muito interesse”, e posteriormente transformada numa escala de 0 a 10 pontos), entre março 2017 e março de 2020.



O valor médio de facilidade em viver com o rendimento mensal líquido do agregado familiar aumentou 7.6%, passando de 5.24 em março de 2019 (DP = 2.61) para 5.64 em março 2020 (DP = 2.66); O valor médio do grau de interesse em poupar aumentou 1.6%, passando de 8.62 em março de 2019 (DP = 1.79) para 8.76 em março de 2020 (DP = 1.75).

Expectativas de poupança e avaliação situação económica, após pandemia

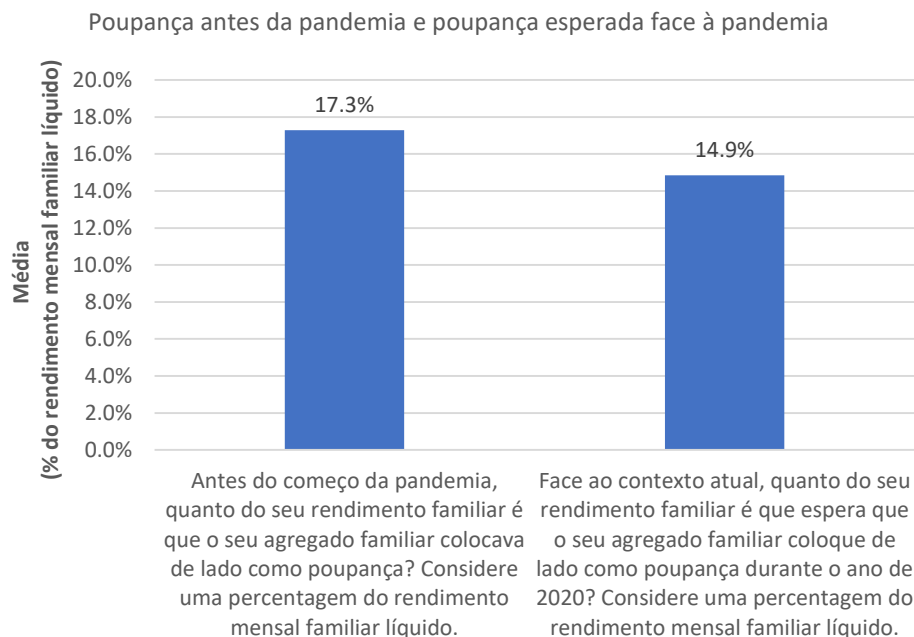


Figura 22– Nível de poupança durante e face à pandemia

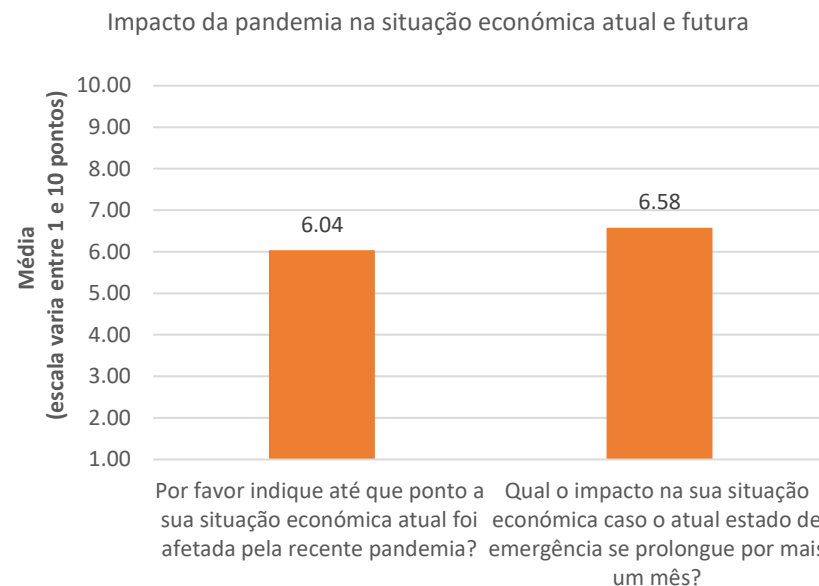


Figura 23 – Impacto da pandemia na situação económica (escala varia entre 1 = “Nada afetada/Nenhum impacto” e 10 = “Muito afetada/Muito impacto”)

Os participantes foram questionados acerca da **percentagem do rendimento que era poupado antes da pandemia e da percentagem que esperam poupar face ao contexto atual**. Em média, os participantes apontam que antes da pandemia conseguiriam colocar de lado mensalmente 17.3% (DP = 16.4) do seu rendimento. Tendo em conta o contexto atual, os participantes acreditam que poderão poupar em média 14.9% (DP = 17.2) do seu rendimento mensal.

Adicionalmente, os participantes reportam numa escala de 1 a 7 (sendo que valores mais altos refletem um maior impacto) o impacto da pandemia na sua situação económica atual e no cenário de o estado de emergência ser prolongado por mais um mês (final de Abril). Os participantes indicam que a pandemia e estado de emergência terão em média algum impacto na sua situação económica (M = 6.04; DP = 3.07), impacto este que aumentará 8.9% caso o atual estado de emergência se prolongue por mais um mês (M = 6.58; DP = 2.99). Apresentaremos os resultados das comparações a variação da expectativas de poupança, antes e após pandemia, por condições de dificuldade financeira e faixa etária (Figuras 24 e 25). Impacto da pandemia na situação económica atual e futura por situação perante o trabalho será apresentado na Figura 26.

Expectativas de poupança, após pandemia, por níveis de dificuldade financeira

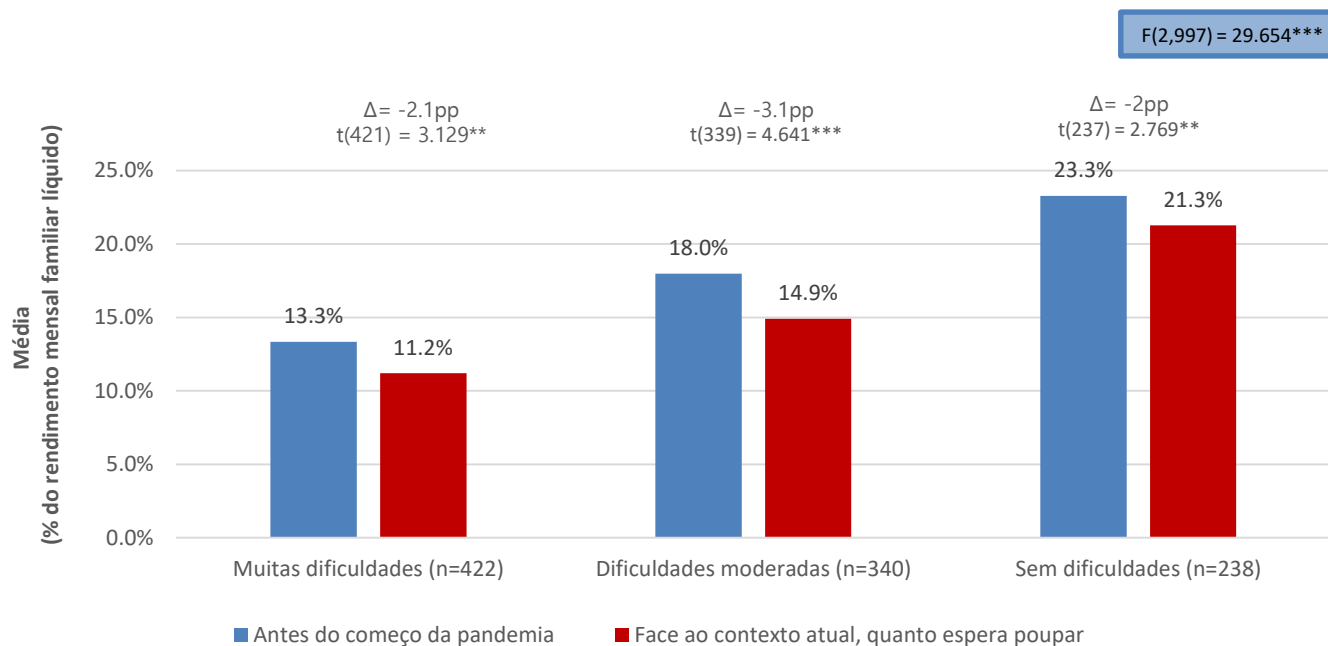


Figura 24 – Nível de poupança durante e face à pandemia, por níveis de dificuldade financeira

De uma forma geral, os participantes dos três grupos consideram que pouparão significativamente menos depois da pandemia. Os participantes com dificuldades financeiras moderadas consideram que terão um quebra mais acentuada, após a pandemia, na percentagem do seu rendimento que poderão poupar.

Expectativas de poupança, após pandemia, por faixa etária

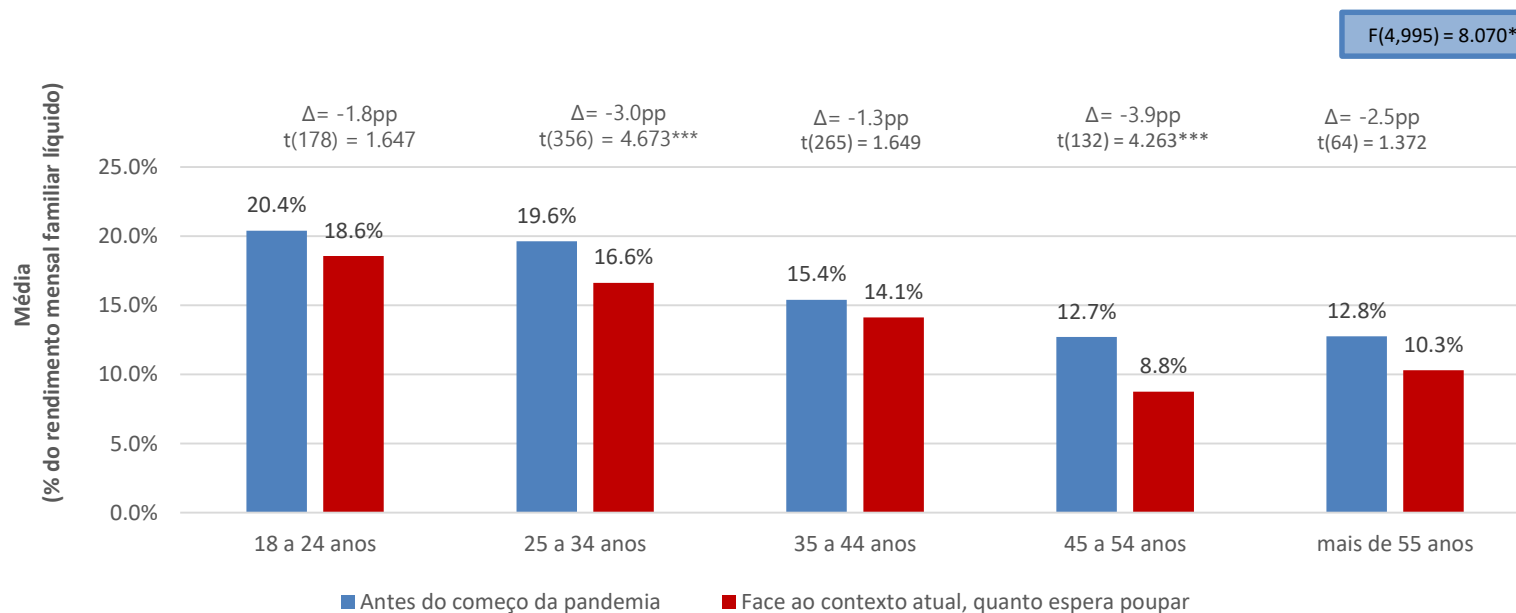


Figura 25 – Nível de poupança durante e face à pandemia, por faixas etárias

Os participantes entre os 25 a 34 anos e os 45 a 54 anos reportam que terão uma quebra significativa, após a pandemia, na percentagem do seu rendimento que poderão poupar. Entre todas as faixas etárias, os participantes entre 45 a 54 anos reportam uma quebra mais acentuada na suas expectativas de poupança.

Impacto da pandemia na situação económica atual e futura, por níveis de dificuldade financeira

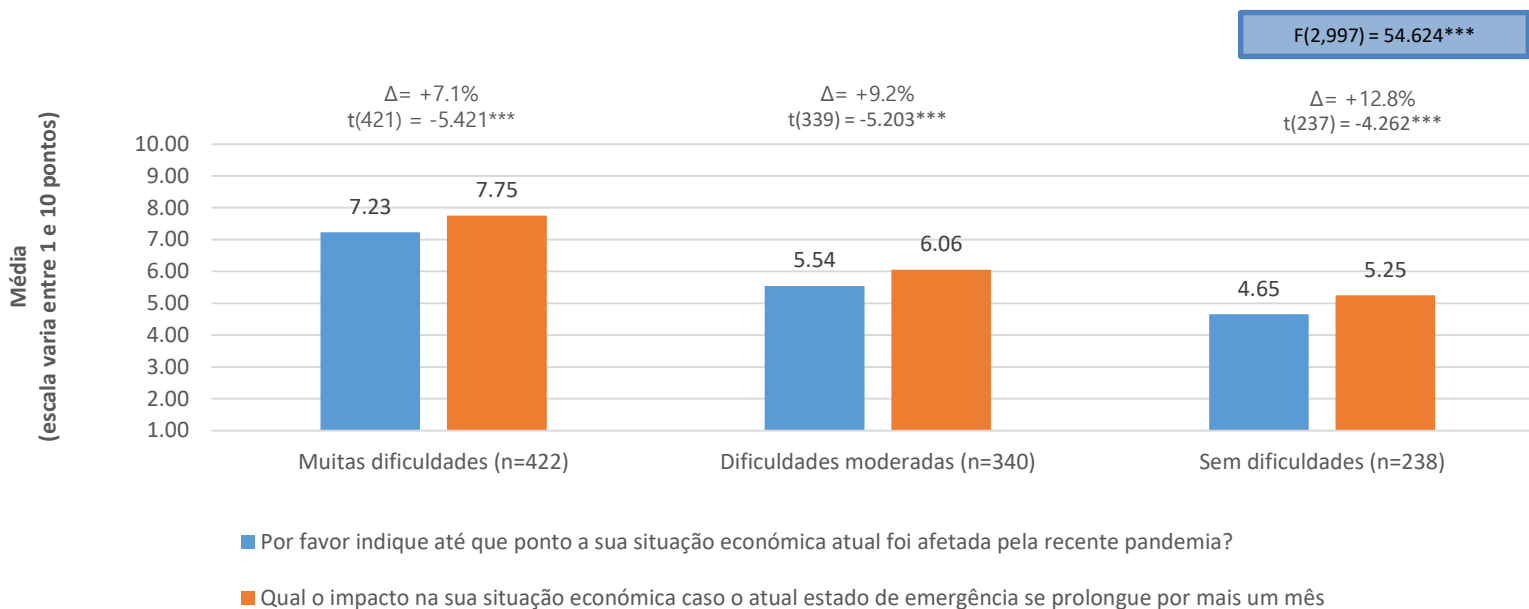


Figura 26 – Impacto da pandemia na situação económica atual e futura, por níveis de dificuldade financeira

No final de março, todos os grupos reportaram um impacto significativo da pandemia na sua situação económica caso o estado de emergência se prolongasse por mais um mês. De todos os grupos, os participantes sem dificuldades financeiras reportaram um possível impacto mais acentuado tendo em conta o prolongamento do estado de emergência.

Impacto da pandemia na situação económica atual e futura, por situação perante o trabalho

$F(2,997) = 17.060^{***}$

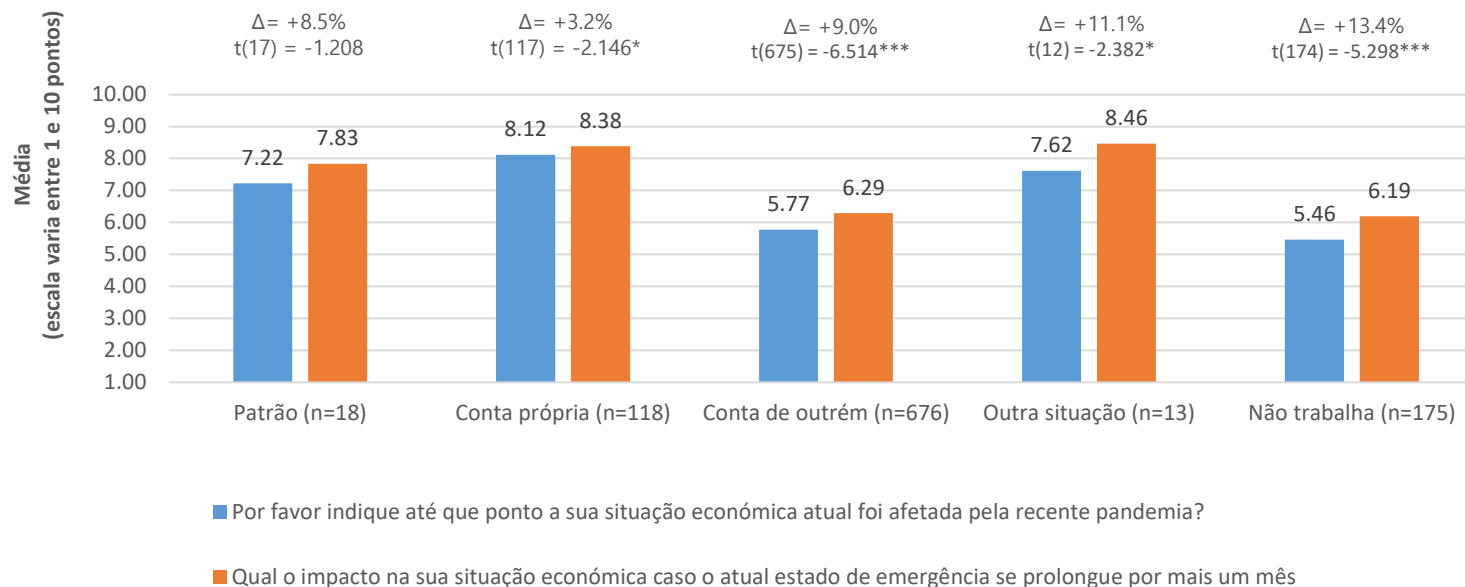
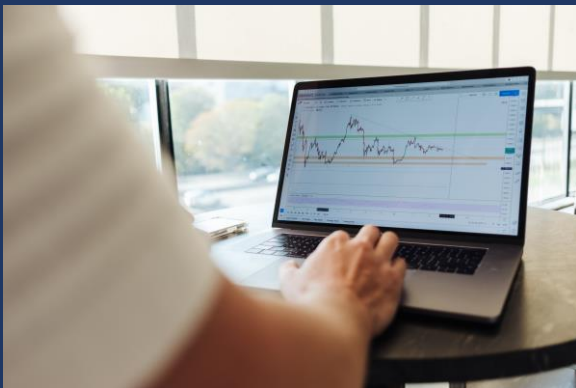


Figura 27– Impacto da pandemia na situação económica atual e futura, por situação perante o trabalho

No final de março, os trabalhadores por conta de própria, por conta de outrem, os participantes que não trabalham e que se encontram noutras situações (e.g., voluntários e reformados) reportaram um impacto significativo da pandemia na sua situação económica caso o estado de emergência se prolongasse por mais um mês. De todos os grupos, os participantes que não trabalham reportaram um impacto mais acentuado do prolongamento do estado de emergência.

VII. CONFIANÇA ECONÓMICA



Estudando os índices de confiança económica e a sua evolução relativamente a períodos anteriores verificamos que os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa do que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal. De acordo com estes índices, vemos que os participantes têm também uma visão mais pessimista da economia portuguesa atualmente, comparativamente a períodos anteriores.

No que concerne a avaliação das condições económicas (CE) em Portugal, considerando a situação de Portugal no momento do estudo, medida através de uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem melhor avaliação), **21.2% dos participantes reportam que as condições económicas são boas a excelentes (5 a 7 pontos), 29.2% reportam que são moderadas (4 pontos), e 49.6% que são fracas a muito fracas (1 a 3 pontos).**

Assim, o **Indicador geral do Estado Atual das condições económicas em Portugal** (IEA; IEA = %CE boas/excelentes - %CE fracas/muito fracas), obteve o valor de **-28.4** sugerindo que há uma maior proporção de participantes a avaliar as condições económicas atuais de Portugal como fracas ou muito fracas que a avaliar como boas ou excelentes.

Relativamente à questão sobre se as condições económicas em Portugal vão melhorar ou piorar, medida através de uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem melhor avaliação), **3.9% dos participantes reportam que vão melhorar (5 a 7 pontos), 5.3% reportam que nem vão piorar nem melhorar (4 pontos), e 90.8% indicam que vão piorar (1 a 3 pontos).** Neste sentido, o **Indicador geral de Mudança do estado das condições Económicas em Portugal** (IME; IME = %CE vão melhorar - %CE vão piorar), obteve o valor de **-86.9** sugerindo que a maioria dos participantes perceciona que as condições económicas em Portugal vão piorar, em comparação com a uma minoria que acham que vão melhorar (Figura 29).

Indicadores de Confiança Económica

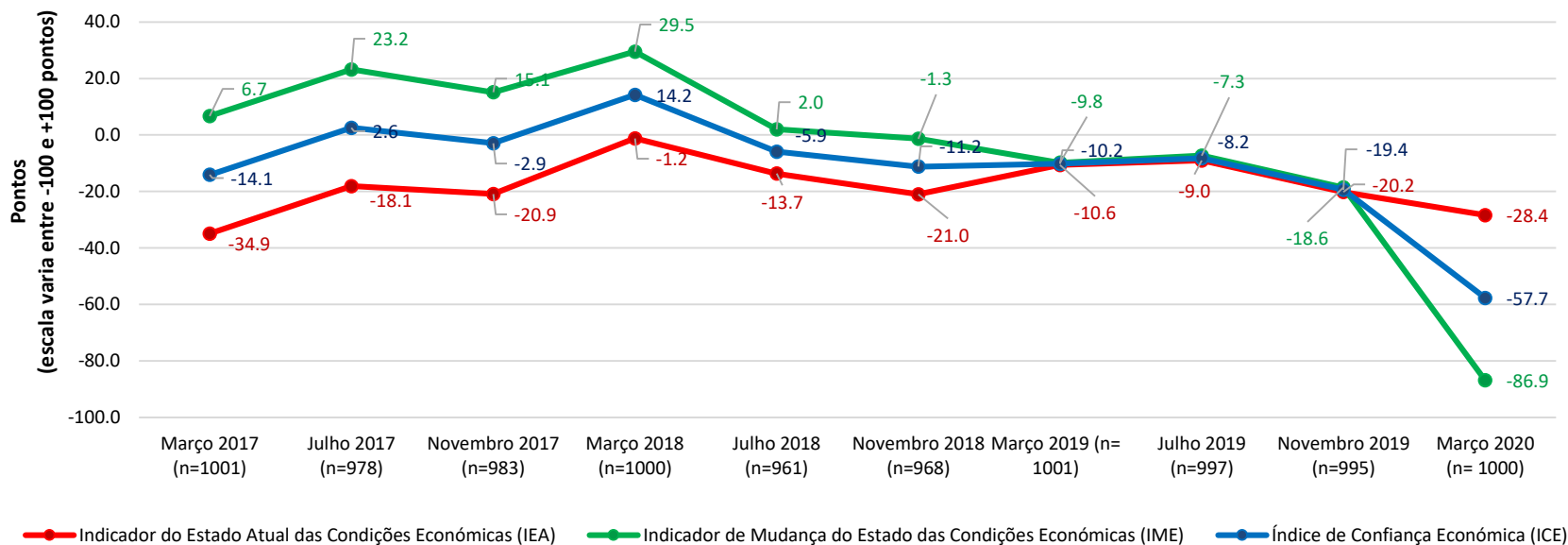


Figura 29 - Evolução dos Índices de Confiança Económica, entre março 2017 e março de 2020

O **Índice de Confiança Económica em Portugal (ICE)**; $(IEA + IME) / 2$, calculado com base no Indicador do Estado Atual das condições económicas (IEA) e no Indicador de Mudança do estado das condições Económicas (IME) registou o valor de **-57.7** indicando que, em geral, os participantes têm **uma visão bastante mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal**, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal (Figura 29).

A Figura 29 apresenta os valores dos indicadores IEA e IME, bem como do ICE, obtidos nos estudos do OSP realizados entre março de 2017 e março de 2020. Como pode ser observado, o **IEA apresenta um valor negativo e uma descida face a novembro de 2019** (de -20.2 para -28.4). O **IME apresenta também um valor negativo e o mais baixo desde o início do estudo destes índices** (-86.9). Por fim, o **ICE também diminuiu acentuadamente** entre março de 2019 e março de 2020 (de -19.4 para -57.7). Esta evolução sugere que em março de 2020, os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal.

VIII. CONDIÇÕES DE TRABALHO, PRODUTIVIDADE E EQUILÍBRIO FAMILIAR DURANTE A PANDEMIA



Nesta secção dividimos os participantes em função das modalidades de trabalho adotadas durante a pandemia Covid-19, para que possamos caracterizar cada um dos grupos em relação a diversos aspetos. Os grupos caracterizados correspondem às modalidades teletrabalho (exclusivo ou parcial), continuação do trabalho fisicamente no local de trabalho, e estar em casa sem trabalhar.

Dos inquiridos, 40.7% passaram a trabalhar a partir de casa (34.2% exclusivamente e 6.5% parcialmente), 17.4% estão em casa sem trabalhar, e 15.7% continuam a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho. Os restantes participantes encontram-se desempregados, reformados ou noutras situações.

Nesta secção dividimos os participantes em função das modalidades de trabalho adotadas durante a pandemia Covid-19. Os participantes foram divididos em 3 subgrupos.

Para os grupos **teletrabalho** e **trabalho presencial** foram aferidos aspetos como autonomia, horas de trabalho, condições de trabalho, produtividade e equilíbrio familiar (n=407 para teletrabalho e n=157 para trabalho presencial).

Para o grupo que está em casa **sem trabalho** como consequência da pandemia, foram aferidos aspetos como razões para estar em casa e ocupação do dia (n=174).

Os restantes 262 participantes são estudantes, reformados, ou encontram-se noutras situações.

Apresentaremos os resultados descritivos e para cada escala ou item medidos, estudaremos também comparações por níveis de dificuldade financeira, faixa etária e situação perante o trabalho, e estas serão apresentadas sempre que significativas estatisticamente.

Qual das seguintes afirmações se aplica à sua situação de trabalho?

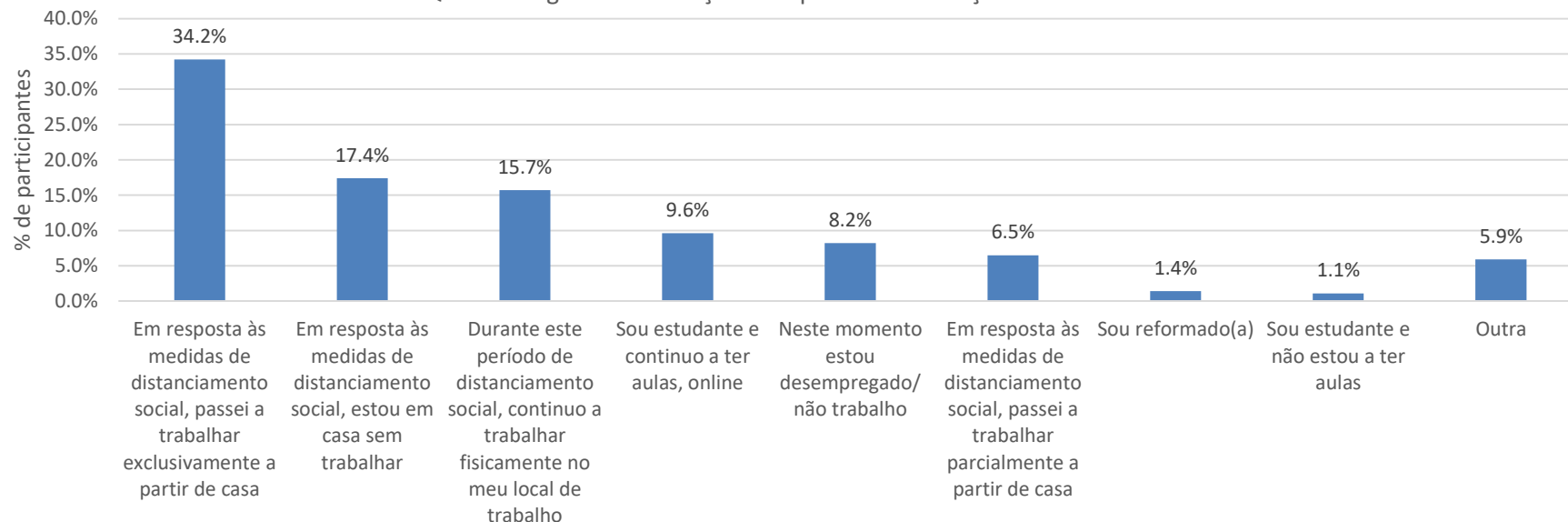


Figura 30 – Distribuição dos participantes por situação de trabalho

Em resposta às medidas de distanciamento social, **40.7% dos participantes passaram a trabalhar a partir de casa (34.2% exclusivamente e 6.5% parcialmente)**, **17.4% estão em casa sem trabalhar**, e **15.7% continuam a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho**. 10.7% dos participantes são estudantes, dos quais aproximadamente 90% continua a ter aulas online, 8.2% dos participantes está desempregado, 1.4% é reformado e 5.9% encontra-se noutras situações.

VIII.a Regime de teletrabalho durante a pandemia (n=407)



Os participantes em teletrabalho concordam que têm conseguido gerir o seu trabalho de forma autónoma e discordam que têm trabalhado menos horas que o habitual. Em geral, estes participantes concordam ligeiramente que tem sido possível equilibrar o trabalho e a vida familiar neste período de pandemia.

Quando testadas possíveis diferenças estatísticas, verifica-se que aqueles que reportam maiores dificuldades financeiras são aqueles que indicam trabalhar mais horas que o habitual e que indicam sentir maior pressão para estar constantemente *online*.

Nesta subsecção aprofundamos a modalidade teletrabalho em vários aspetos, nomeadamente a autonomia sentida pelo trabalhador, as horas de trabalho, as condições de trabalho gerais e específicas, e a perceção individual de produtividade. Para avaliar cada um destes aspetos, foi pedido aos participantes que reportassem o seu nível de concordância com vários itens .

Estes aspetos foram avaliados através da pergunta “Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações no seu contexto atual de teletrabalho” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Discordo totalmente*”, 7 a “*Concordo totalmente*”, e 4 como ponto neutro, a corresponder a “*Não concordo nem discordo*”.

Teletrabalho: Autonomia e horas de trabalho

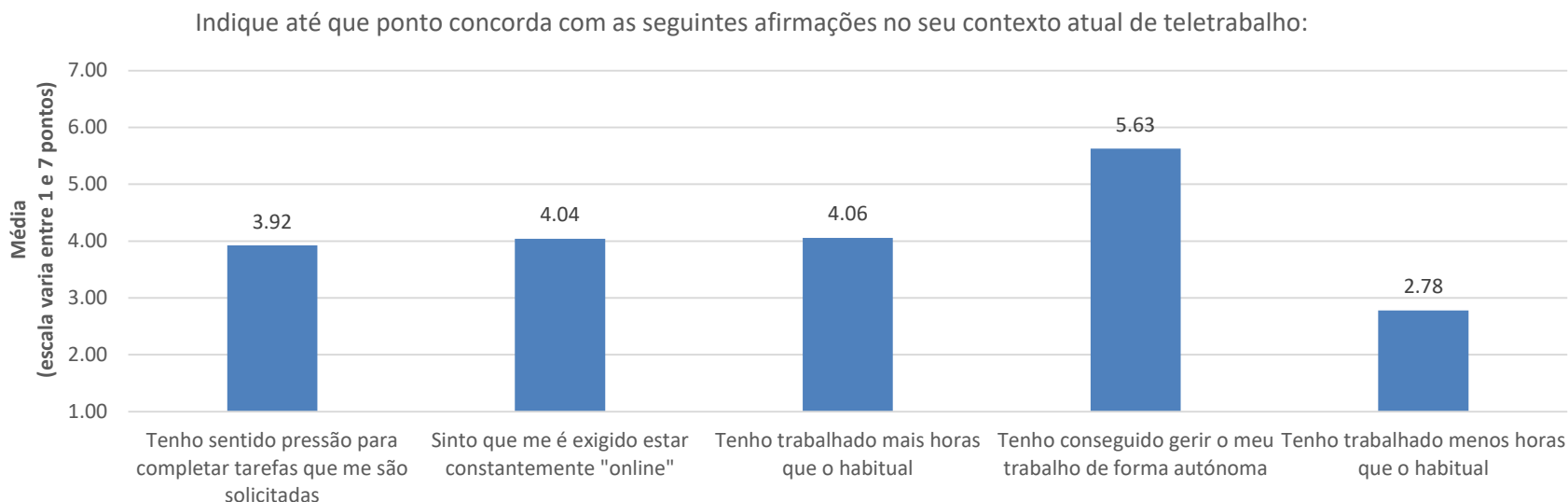


Figura 31– Condições de trabalho em teletrabalho – horas de trabalho e autonomia percebida (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes que se encontram exclusivamente ou parcialmente em teletrabalho ($n=407$), apresentam **níveis de concordância mais elevados** para **“Tenho conseguido gerir o meu trabalho de forma autónoma”** ($M = 5.63$, $DP = 1.46$), e **níveis de concordância mais baixos** para **“Tenho sentido pressão para completar tarefas que me são solicitadas”** ($M = 3.92$, $DP = 2.08$), **“Sinto que me é exigido estar constantemente online”** ($M = 4.04$, $DP = 2.19$) e **“Tenho trabalhado mais horas que o habitual”** ($M = 4.06$, $DP = 2.21$). Os participantes apresentam níveis de concordância muito baixos apenas para **“Tenho trabalhado menos horas que o habitual”** ($M = 2.78$, $DP = 2.03$). É de realçar que os desvios padrão apresentam valores ligeiramente superiores ao habitual, indicando uma maior heterogeneidade nas respostas da amostra no que diz respeito a estes últimos três itens.

Teletrabalho: Autonomia e horas de trabalho, por níveis de dificuldade financeira

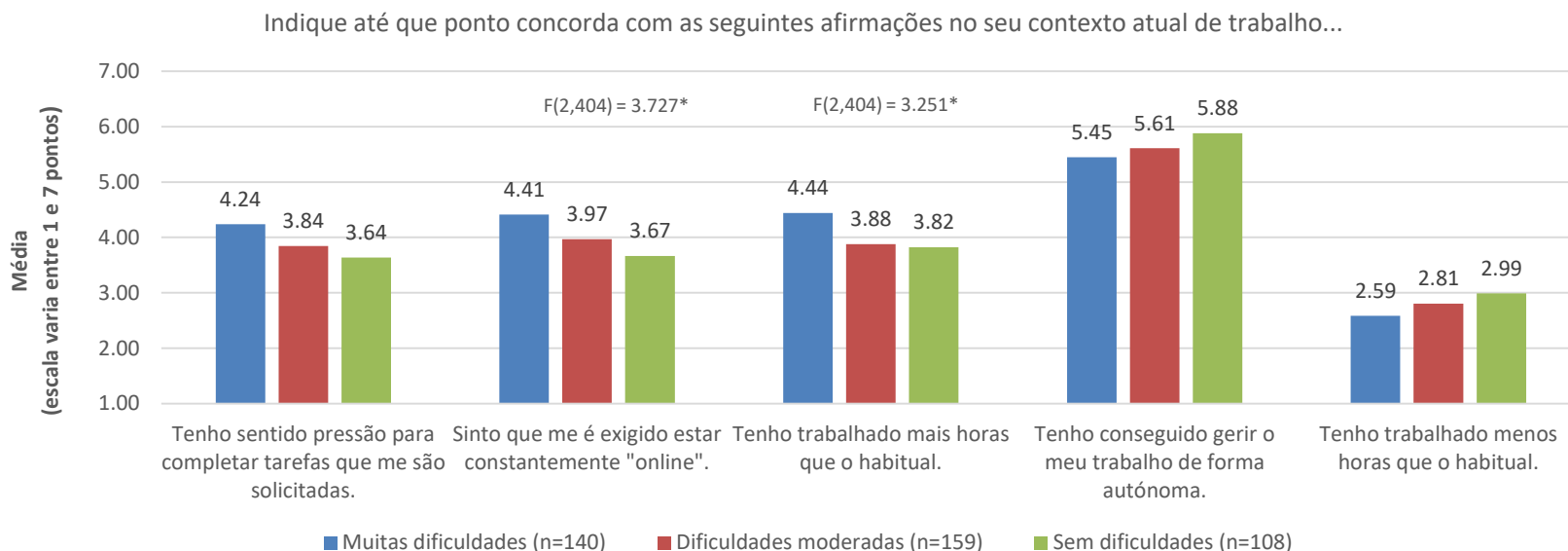


Figura 32– Condições de trabalho em teletrabalho – horas de trabalho e autonomia percebida, por níveis de dificuldade financeira

Quando testadas possíveis diferenças estatísticas entre participantes com diferentes níveis de dificuldades financeiras, verifica-se que aqueles que reportam maiores dificuldades financeiras são aqueles que indicam **trabalhar mais horas** que o habitual e que indicam **sentir maior exigência para estar constantemente online**.

De um modo geral, não se verificam quaisquer diferenças em função da situação de trabalho. Também não houve diferenças significativas no que diz respeito às diferentes faixas etárias.

Teletrabalho: Condições de trabalho

Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações:

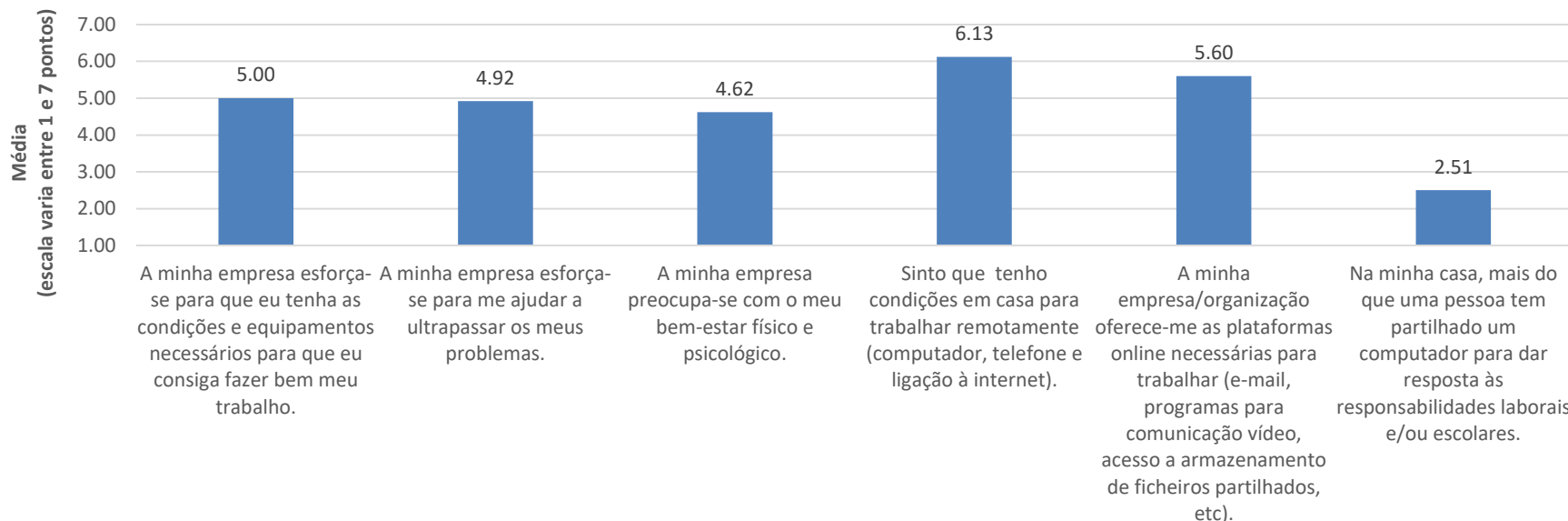


Figura 33— Condições de trabalho em teletrabalho (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

No que concerne as condições de trabalho gerais, os participantes apresentam níveis de concordância moderadamente elevados para **“A minha empresa esforça-se para que eu tenha as condições e equipamentos necessários para que eu consiga fazer bem meu trabalho”** ($M = 5.00$, $DP = 1.95$), **“A minha empresa esforça-se para me ajudar a ultrapassar os meus problemas”** ($M = 4.92$, $DP = 1.70$) e **“A minha empresa preocupa-se com o meu bem-estar físico e psicológico”** ($M = 4.62$, $DP = 1.80$). No que concerne as condições de trabalho específicas, os participantes reportam níveis de concordância elevados para **“Sinto que tenho condições em casa para trabalhar remotamente (computador, telefone e ligação à internet)”** ($M = 6.13$, $DP = 1.37$) e **“A minha empresa/organização oferece-me as plataformas online necessárias para trabalhar (e-mail, programas para comunicação vídeo, acesso a armazenamento de ficheiros partilhados, etc)”** ($M = 5.60$, $DP = 1.69$). É de realçar que os participantes reportam um nível de concordância muito baixo para **“Na minha casa mais do que uma pessoa tem partilhado um computador para dar resposta às responsabilidades laborais e/ou escolares”** ($M = 2.51$, $DP = 2.26$), o que indica que este não é um desafio presente para a maior parte dos participantes.

Teletrabalho: Condições de trabalho, por níveis de dificuldade financeira

Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações no seu contexto atual de trabalho...

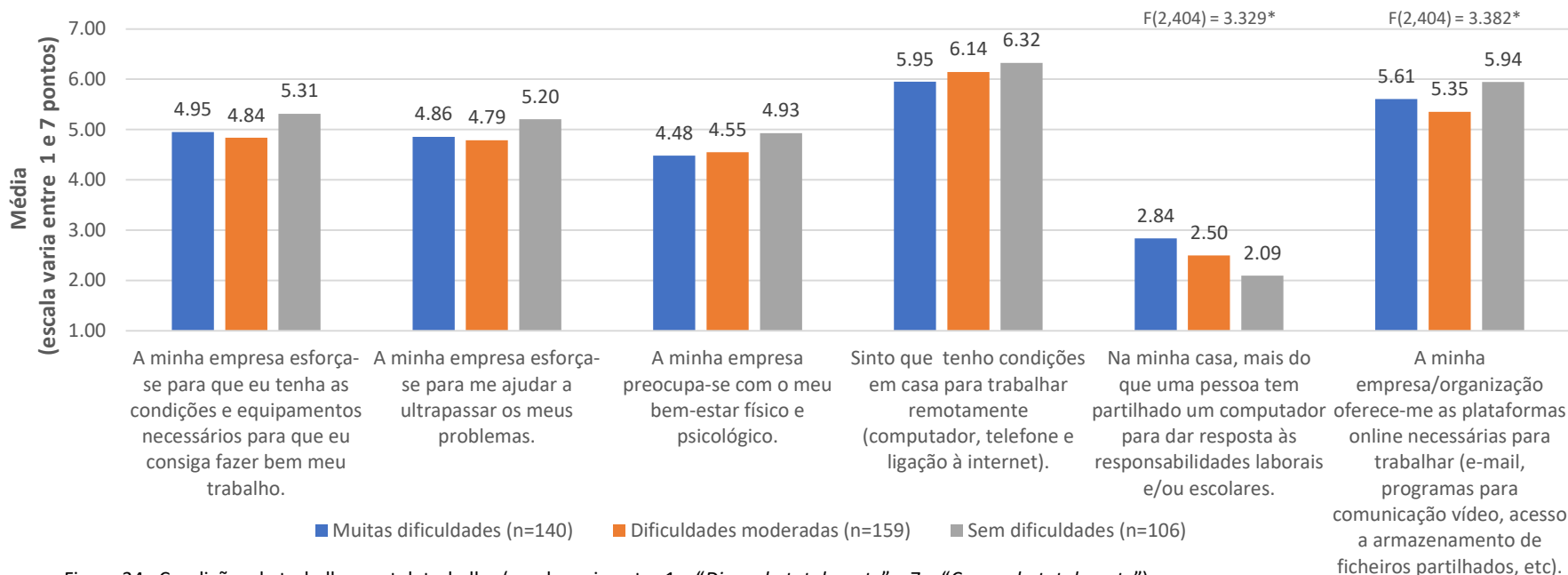


Figura 34– Condições de trabalho em teletrabalho (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Quando testadas possíveis diferenças estatísticas entre participantes com diferentes níveis de dificuldades financeiras, verifica-se que aqueles que reportam maiores dificuldades são aqueles que indicam ter de partilhar por vezes o computador em sua casa. Ainda assim estes participantes apresentam um nível baixo de concordância com este item. Por outro lado, são os participantes sem dificuldades financeiras que indicam maior concordância com o item referente às condições necessárias para o trabalho *online*, providenciadas pela sua organização.

Teletrabalho: Condições de trabalho, por faixa etária

Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações no seu contexto atual de trabalho...

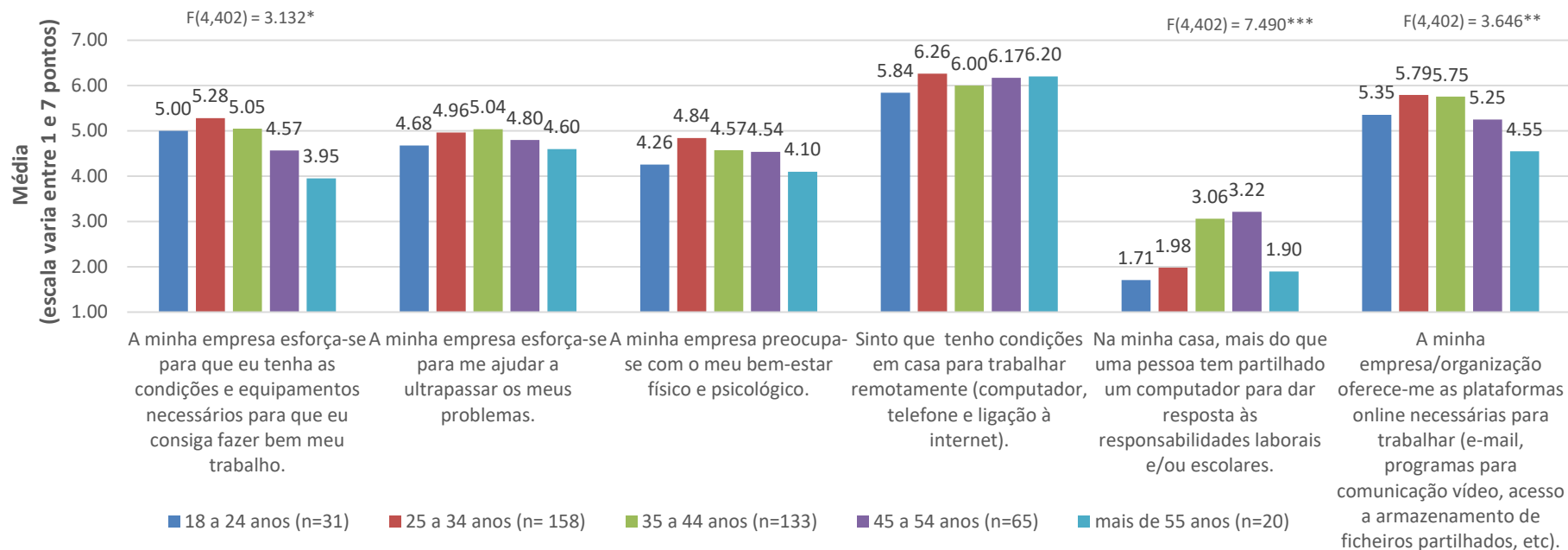


Figura 35– Condições de trabalho em teletrabalho (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Comparativamente aos outros grupos, os participantes mais velhos parecem sentir que não têm todas as condições necessárias para desenvolver o teletrabalho. Os participantes na faixa etária entre os 45 a 54 anos, comparativamente à outras faixas etárias, terão com mais frequência de partilhar o computador com outros elementos do agregado familiar. Ainda assim, estes participantes apresentam um nível baixo de concordância com este item.

Teletrabalho: Produtividade e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal

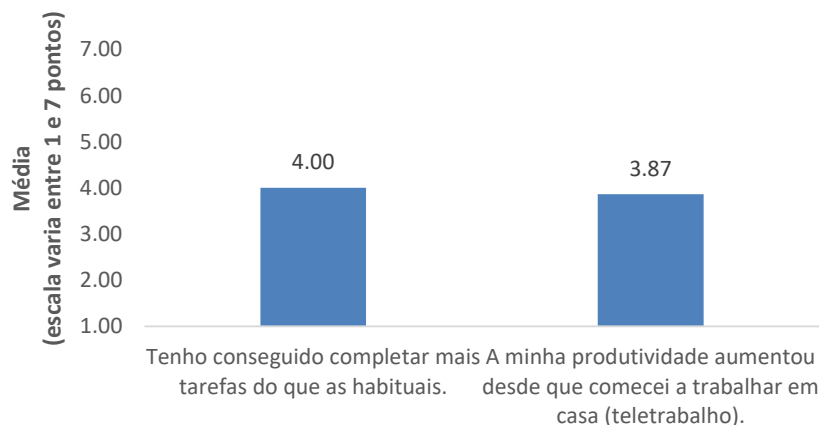


Figura 36– Produtividade em teletrabalho (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

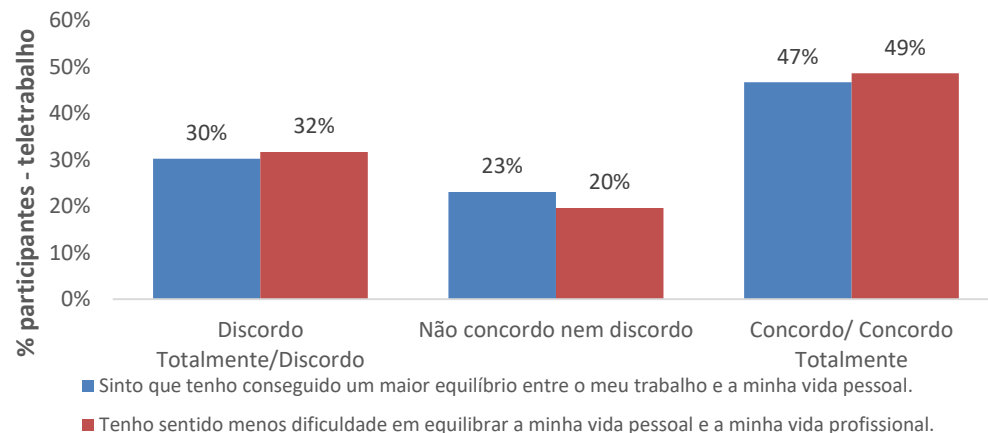


Figura 37– Equilíbrio trabalho e vida pessoal

No que toca à **percepção individual de produtividade**, os participantes que se encontram exclusivamente ou parcialmente em teletrabalho (n=407) apresentam níveis de concordância perto do ponto neutro, correspondente a “*Não concordo nem discordo*”, para os dois itens “**Tenho conseguido completar mais tarefas do que as habituais**” (M = 4.00, DP = 1.79) e “**A minha produtividade aumentou desde que se deu início às medidas de contingência**” (M = 3.87, DP = 1.99).

No que respeita ao **maior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal**, uma grande parte dos participantes concorda que sente um maior equilíbrio entre o seu trabalho e a sua vida pessoal e que tem sentido menos dificuldade em equilibrar os dois (47% e 49% dos participantes, respetivamente).

No que toca à produtividade percebida e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, **não foram encontradas diferenças significativas entre níveis de dificuldade financeira, faixa etária e situação perante o trabalho.**

Teletrabalho: Equilíbrio familiar (n=139)

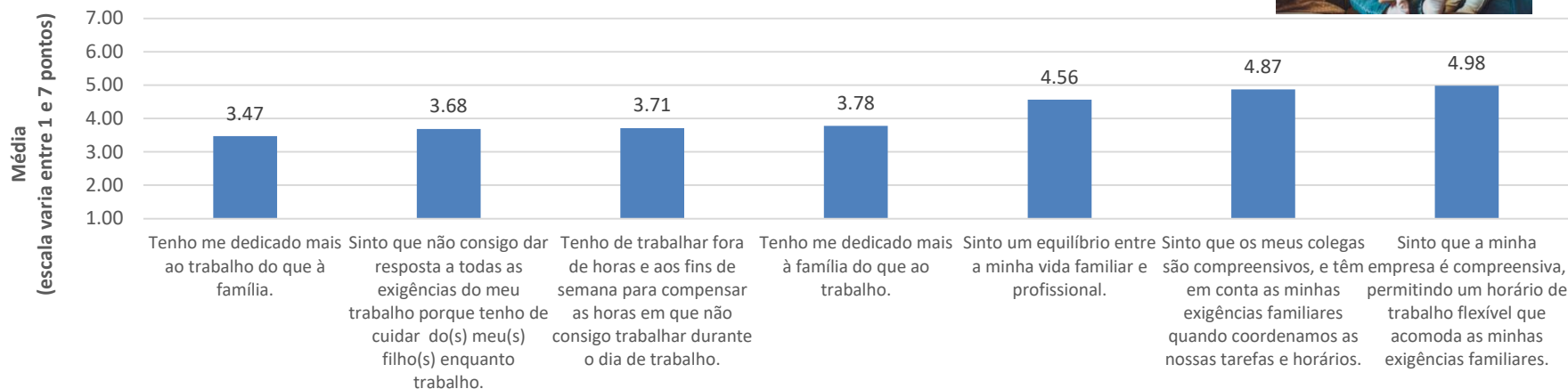


Figura 38 - Equilíbrio entre trabalho e vida familiar (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Entre os participantes que se encontram exclusivamente ou parcialmente em teletrabalho (n=407), **33.7% têm os filhos em casa enquanto trabalham** (32.4% a tempo inteiro e 1.2% parcialmente, n=139). Destes, 36.7% referem que têm dado muito apoio aos filhos, 45.3% referem que têm dado algum apoio, 5.0% consideram que não têm dado nem muito nem pouco apoio, e 12.9% referem que têm dado pouco ou nenhum apoio aos filhos.

No que concerne o equilíbrio entre o trabalho e a vida familiar, os participantes que se encontram em teletrabalho e que têm os filhos em casa durante este período de pandemia reportam níveis de concordância mais baixos relativamente aos itens **“Tenho me dedicado mais ao trabalho do que à família”** (M = 3.47, DP = 1.77), **“Sinto que não consigo dar resposta a todas as exigências do meu trabalho porque tenho de cuidar do(s) meu(s) filho(s) enquanto trabalho”** (M = 3.68, DP = 2.16), **“Tenho de trabalhar fora de horas e aos fins de semana para compensar as horas em que não consigo trabalhar durante o dia de trabalho”** (M = 3.71, DP = 2.20) e **“Tenho me dedicado mais à família do que ao trabalho”** (M = 3.78, DP = 1.84), e níveis de concordância mais altos para **“Sinto um equilíbrio entre a minha vida familiar e profissional”** (M = 4.56, DP = 1.86), **“Sinto que os meus colegas são compreensivos, e têm em conta as minhas exigências familiares quando coordenamos as nossas tarefas e horários”** (M = 4.87, DP = 1.77) e **“Sinto que a minha empresa é compreensiva, permitindo um horário de trabalho flexível que acomoda as minhas exigências familiares”** (M = 4.98, DP = 1.82).

Teletrabalho: Comportamentos de cidadania organizacional

Por favor indique até que ponto é que atualmente investe mais ou menos tempo em cada uma das seguintes ações, em comparação com o habitual? (n=407)

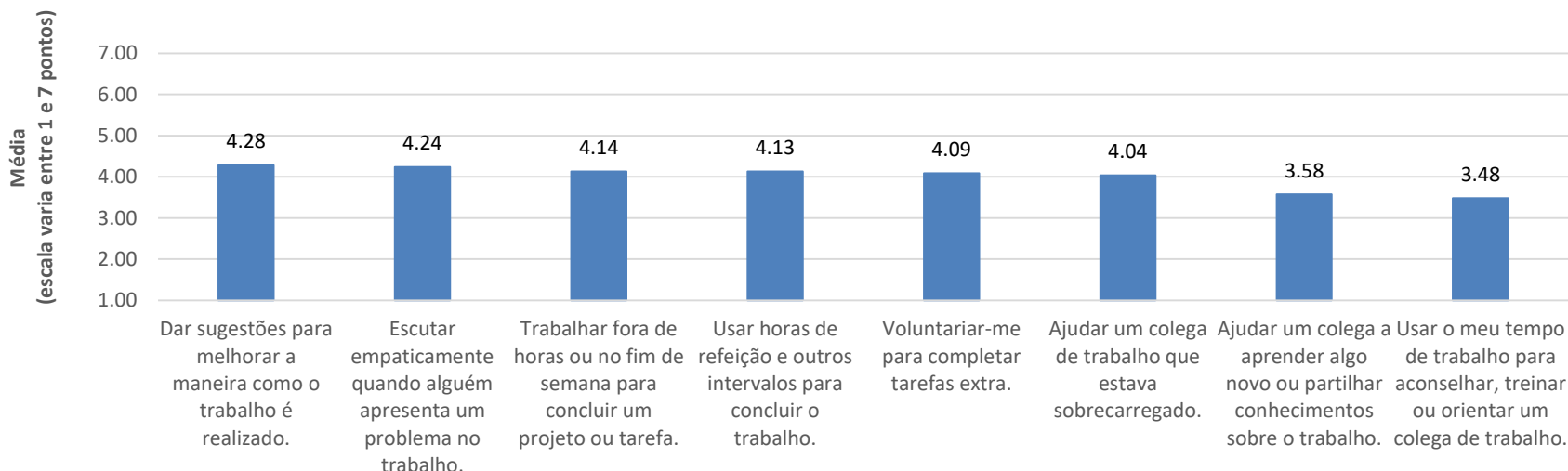


Figura 39 – Comportamentos de cidadania organizacional em teletrabalho

Os resultados indicam que **não houve um aumento notório de cidadania organizacional por parte dos trabalhadores em regime de teletrabalho**, com a generalidade dos participantes respondendo em torno do ponto 4. Ligeiramente abaixo dos restantes pontos encontram-se as ações relativas a ajudar o desenvolvimento de outros colegas, o que poderá ser potenciado pela distância e representar algum sinal de que os trabalhadores e empresas ainda se estão a adaptar à virtualidade, havendo menos oportunidade para feedback e momentos de desenvolvimento.

Na página 63, encontra-se a representação das diferenças entre as respostas dos trabalhadores em teletrabalho e em trabalho presencial no que a estes comportamentos diz respeito.

VIII.b Regime de trabalho presencial durante a pandemia (n=157)



Os portugueses que responderam a este estudo e que continuam a trabalhar presencialmente nos seus locais de trabalho não demonstram sinais de uma acentuada deterioração das suas condições de trabalho pelo que concordam moderadamente que a sua empresa providencia as condições para trabalhar face a esta pandemia.

De uma forma geral, os participantes discordam com afirmações que remetam para um menor equilíbrio entre trabalho e vida pessoa/familiar, especialmente os participantes sem dificuldades financeiras.

Nesta subsecção aprofundamos a **modalidade *trabalho fisicamente no local de trabalho* em vários aspetos, nomeadamente a autonomia sentida pelo trabalhador, as horas de trabalho, as condições de trabalho gerais e específicas, e a perceção individual de produtividade**. Para avaliar cada um destes aspetos, foi pedido aos participantes que reportassem o seu **nível de concordância** com vários itens.

Estes aspetos foram avaliados através da pergunta “Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações no seu contexto atual de trabalho” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Discordo totalmente*”, 7 a “*Concordo totalmente*”, e 4 como ponto neutro, a corresponder a “*Não concordo nem discordo*”.

Apresentaremos os resultados descritivos referentes à autonomia e horas de trabalhos (Figura 40), condições de trabalho (Figura 41), produtividade e equilíbrio entre vida profissional e pessoal (Figura 42 e 43). No âmbito do equilíbrio entre vida profissional e pessoal, apresentaremos também as comparações por níveis de dificuldade financeira (Figura 44).

Trabalho presencial: Autonomia e horas de trabalho

Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações no seu contexto atual de trabalho:

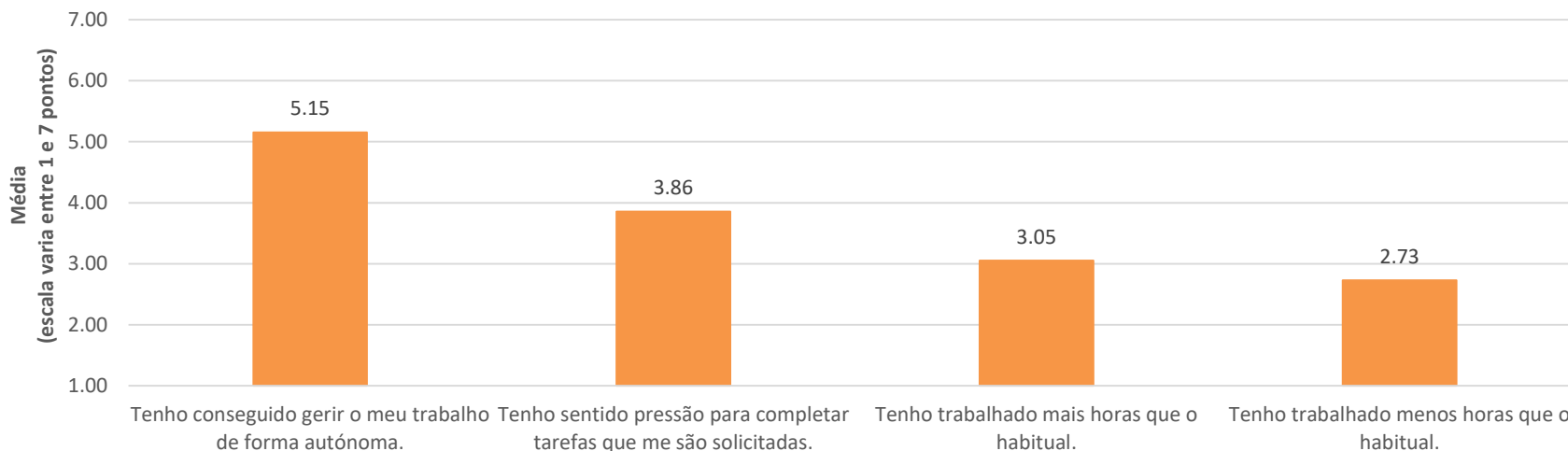


Figura 40– Condições de trabalho em regime presencial – horas de trabalho e autonomia percebida (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes que se encontram a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho ($n=157$), apresentam **níveis de concordância mais elevados** para “**Tenho conseguido gerir o meu trabalho de forma autónoma**” ($M = 5.15$, $DP = 1.67$), e **níveis de concordância mais baixos** para “**Tenho sentido pressão para completar tarefas que me são solicitadas**” ($M = 3.86$, $DP = 2.19$), “**Tenho trabalhado mais horas que o habitual**” ($M = 3.05$, $DP = 2.31$) e “**Tenho trabalhado menos horas que o habitual**” ($M = 2.73$, $DP = 2.15$). É de realçar que os desvios padrão apresentam valores ligeiramente superiores ao habitual indicando uma maior heterogeneidade da amostra no que diz respeito a estes três últimos itens.

Trabalho presencial: Condições de trabalho

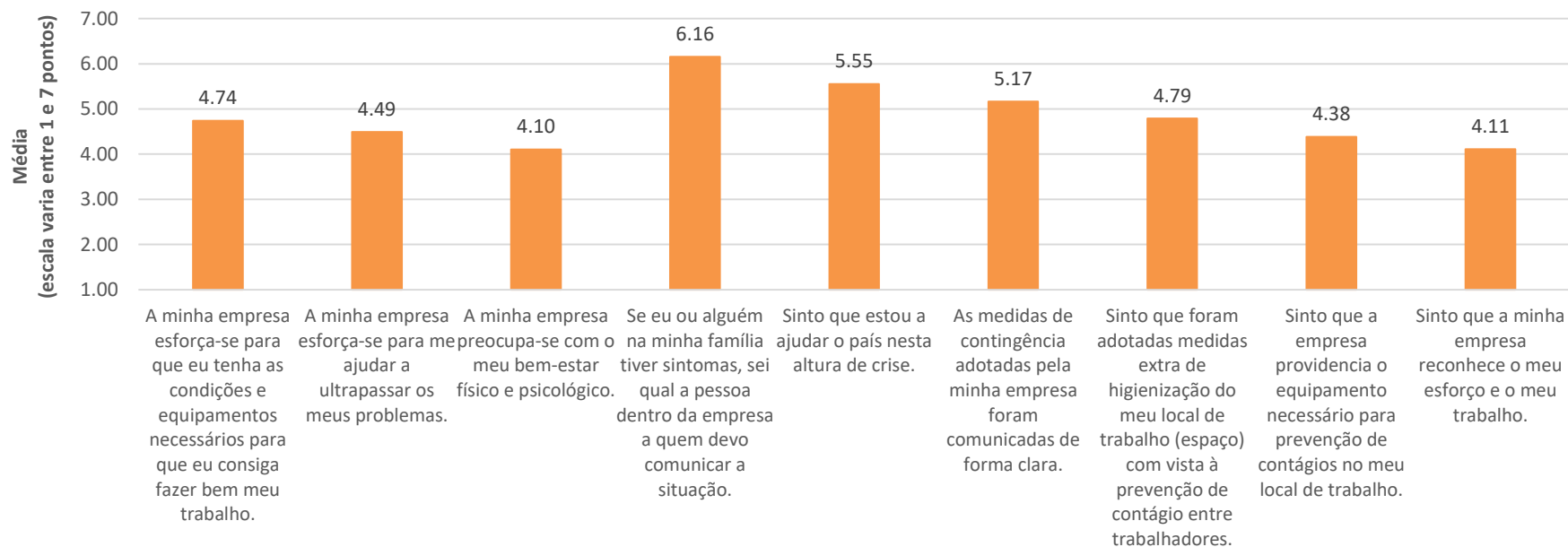


Figura 41– Condições de trabalho presencial – horas de trabalho e autonomia percebida (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

No que concerne às condições de trabalho gerais, os participantes apresentam níveis de concordância moderados para todos os itens: **“A minha empresa esforça-se para que eu tenha as condições e equipamentos necessários para que eu consiga fazer bem meu trabalho”** (M = 4.74, DP = 1.78), **“A minha empresa esforça-se para me ajudar a ultrapassar os meus problemas”** (M = 4.49, DP = 1.71) e **“A minha empresa preocupa-se com o meu bem-estar físico e psicológico”** (M = 4.10, DP = 1.81).

No que concerne às condições de trabalho específicas, os participantes apresentam níveis de concordância mais elevados para **“Se eu ou alguém na minha família tiver sintomas, sei qual a pessoa dentro da empresa a quem devo comunicar a situação”** (M = 6.16, DP = 1.47), **“Sinto que estou a ajudar o país nesta altura de crise”** (M = 5.55, DP = 1.53), e **“As medidas de contingência adotadas pela minha empresa foram comunicadas de forma clara”** (M = 5.17, DP = 1.87). Os participantes reportam níveis menos elevados de concordância para **“Sinto que foram adotadas medidas extra de higienização do meu local de trabalho (espaço) com vista à prevenção de contágio entre trabalhadores”** (M = 4.79, DP = 1.97), **“Sinto que a empresa providencia o equipamento necessário para prevenção de contágios no meu local de trabalho”** (M = 4.38, DP = 1.94) e **“Sinto que a minha empresa reconhece o meu esforço e o meu trabalho”** (M = 4.11, DP = 1.69).

Trabalho presencial: Produtividade e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal

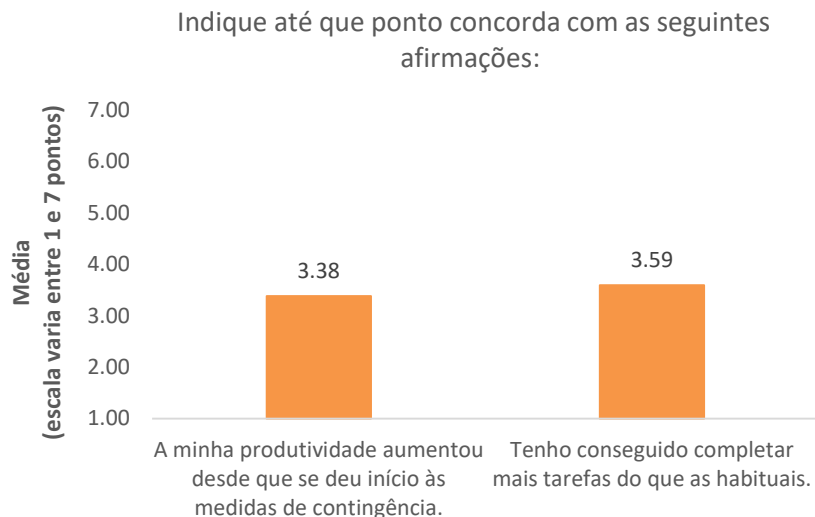


Figura 42– Produtividade em trabalho presencial (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

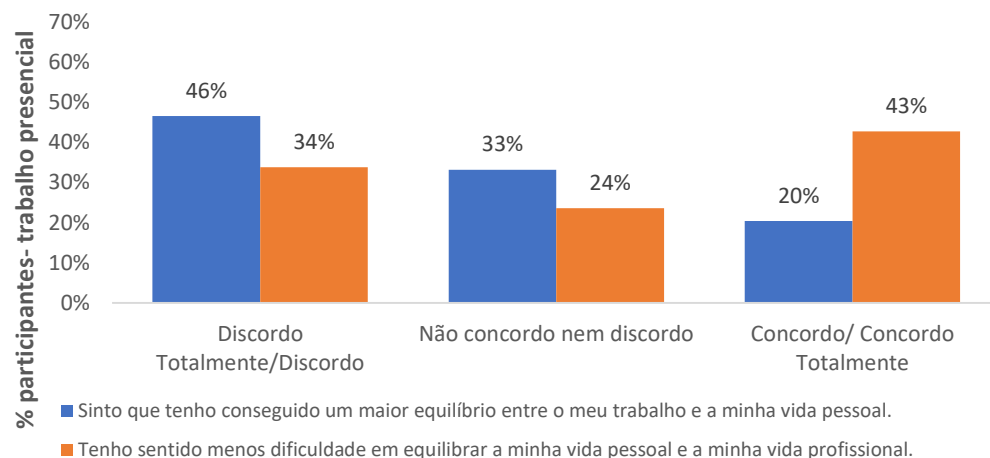


Figura 43 – Equilíbrio trabalho e vida pessoal

No que toca à **perceção individual de produtividade**, os participantes que se encontram a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho (n=157) apresentam níveis de concordância baixos para “**A minha produtividade aumentou desde que se deu início às medidas de contingência**” (M = 3.38, DP = 1.66) e “**Tenho conseguido completar mais tarefas do que as habituais**” (M = 3.59, DP = 1.82).

No que respeita ao **maior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal**, os dados apresentam-se um pouco contraditórios sendo que 46% dos participantes discorda que tem conseguido um maior equilíbrio e 43% concordam que têm tido menos dificuldade em equilibrar a vida pessoal e profissional. Ao estudarmos em maior detalhe, verifica-se que há diferenças estatísticas nestes itens entre participantes de níveis de dificuldade financeira diferentes. Estes serão apresentados em seguida.

Trabalho presencial: Equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, por níveis de dificuldade financeira

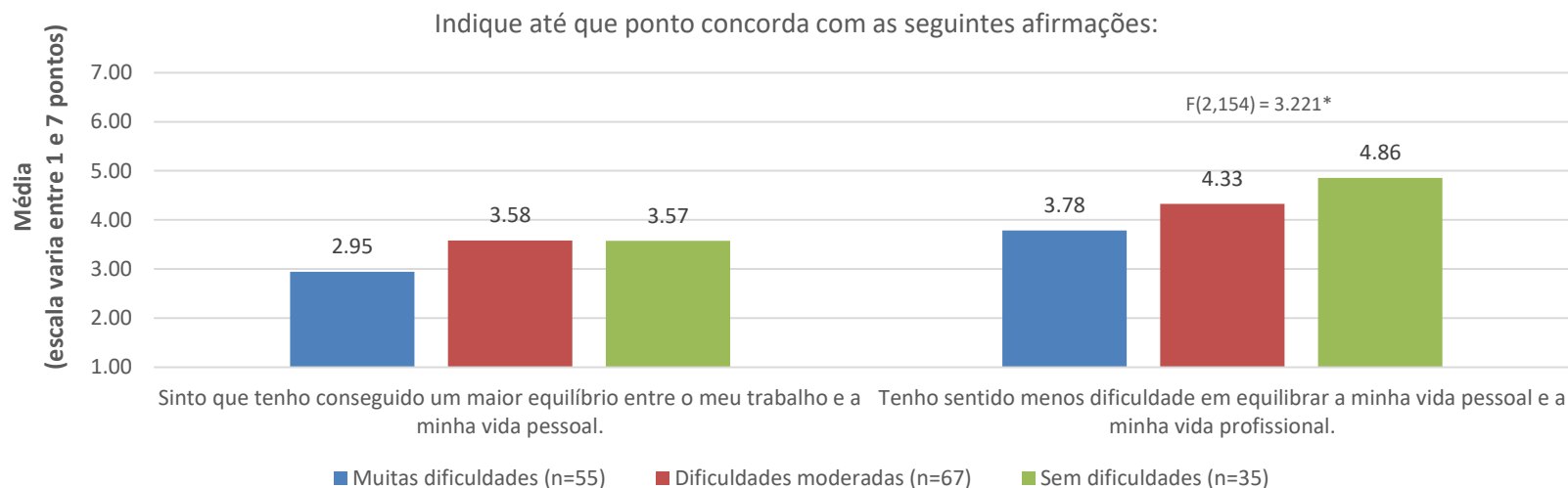


Figura 44 – Equilíbrio trabalho e vida pessoal, por níveis de dificuldade financeira (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Os participantes sem dificuldades financeiras apontam que têm sentido menos dificuldades em equilibrar a sua vida pessoal e a sua vida profissional.

Trabalho presencial: Equilíbrio familiar (n=50)



Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações:



Figura 45- Equilíbrio entre trabalho e vida familiar (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Entre os participantes que se encontram a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho (n=157), **31.8% têm os filhos em casa enquanto trabalham** (31.2% a tempo inteiro e 0.6% parcialmente, n=50). Destes, 24.1% referem que têm dado muito apoio aos filhos, 51.9% referem que têm dado algum apoio, 11.1% consideram que não têm dado nem muito nem pouco apoio, e 13.0% referem que têm dado pouco ou nenhum apoio aos filhos.

No que concerne o equilíbrio entre o trabalho e a vida familiar, os participantes que se encontram a trabalhar fisicamente no seu local de trabalho e que têm os filhos em casa durante este período de pandemia reportam níveis de concordância mais baixos relativamente aos itens **“Tenho de trabalhar fora de horas e aos fins de semana para compensar as horas em que não consigo trabalhar durante o dia de trabalho”** (M = 2.28, DP = 1.52), **“Sinto que não consigo dar resposta a todas as exigências do meu trabalho porque tenho de cuidar do(s) meu(s) filho(s) enquanto trabalho”** (M = 2.80, DP = 1.82). O score baixo destes itens poderá advir da própria natureza do trabalho presencial que poderá não permitir a execução de trabalho fora de horas e a presença dos filhos. Os participantes discordam ligeiramente de **“Tenho me dedicado mais ao trabalho do que à família”** (M = 3.28, DP = 1.66), e mostram níveis de concordância um pouco mais altos para **“Sinto que a minha empresa é compreensiva, permitindo um horário de trabalho flexível que acomoda as minhas exigências familiares”** (M = 3.70, DP = 1.87), **“Tenho me dedicado mais à família do que ao trabalho”** (M = 3.98, DP = 1.62), **“Sinto que os meus colegas são compreensivos, e têm em conta as minhas exigências familiares quando coordenamos as nossas tarefas e horários”** (M = 4.13, DP = 1.48) e **“Sinto um equilíbrio entre a minha vida familiar e profissional”** (M = 4.63, DP = 1.60).

Trabalho presencial: Comportamentos de cidadania organizacional

Por favor indique até que ponto é que atualmente investe mais ou menos tempo em cada uma das seguintes ações, em comparação com o habitual? (n=157)

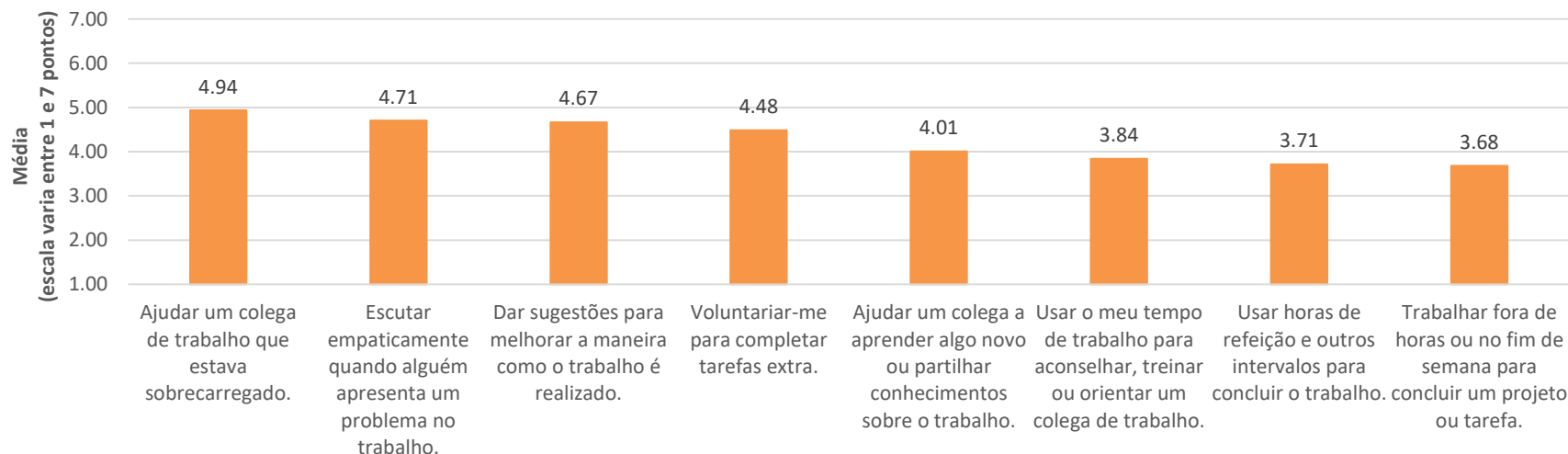


Figura 46 – Comportamentos de cidadania organizacional em trabalho presencial (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Relativamente aos comportamentos de cidadania organizacional, não houve um aumento notório de cidadania organizacional por parte dos trabalhadores em regime de trabalho presencial, com a generalidade dos participantes respondendo em torno do ponto 4. Ligeiramente abaixo dos restantes pontos encontram-se as ações relativas a ajudar o desenvolvimento de outros colegas, o que poderá ser potenciado pela diminuição de pessoal, havendo menos oportunidade para feedback e momentos de desenvolvimento.

Teletrabalho versus trabalho presencial: Comportamentos de cidadania organizacional

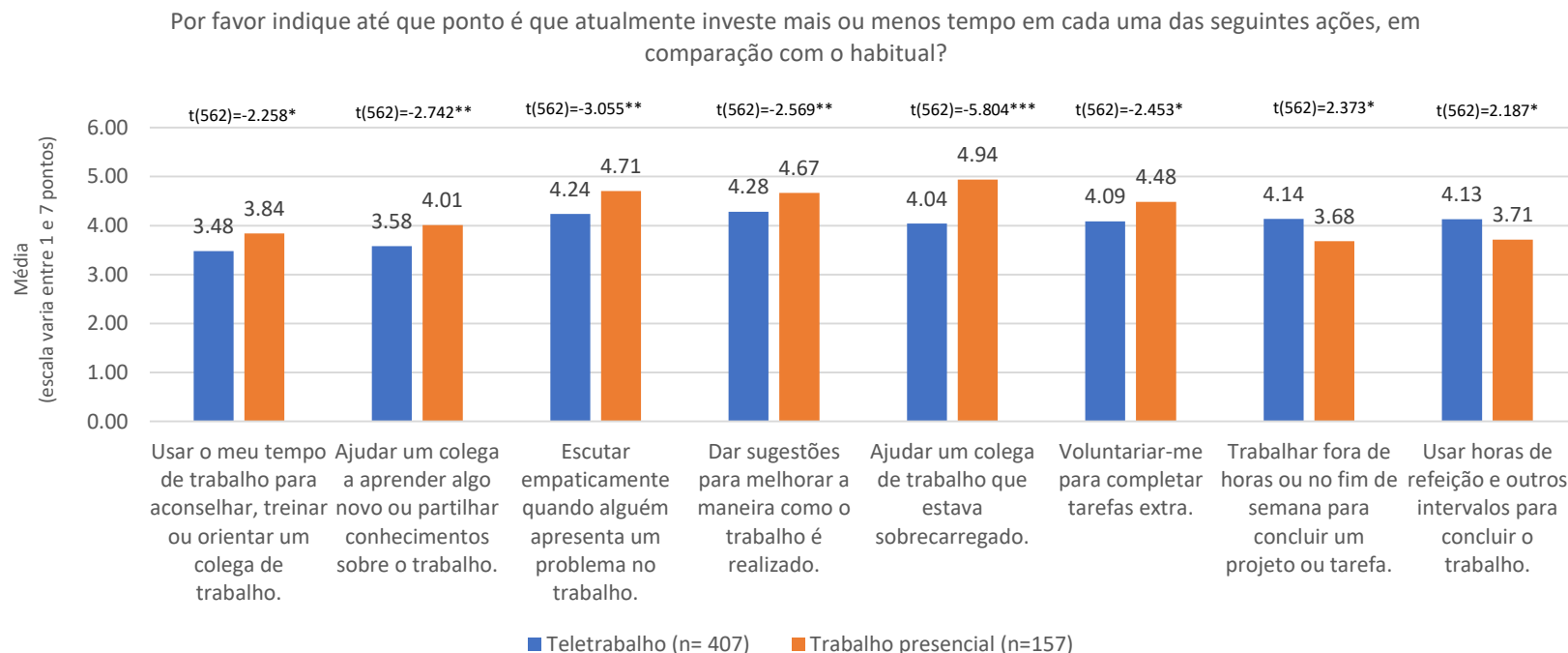


Figura 47 – Comportamentos de cidadania organizacional: teletrabalho versus trabalho presencial (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

Ainda assim, quando comparadas as respostas dos participantes em teletrabalho e em regime de trabalho presencial, verificamos que, de forma interessante, os participantes em trabalho presencial revelam apresentar mais comportamentos de cidadania diretamente relacionados com entreaajuda e apoio aos colegas (e.g., “Ajudar um colega de trabalho que estava sobrecarregado”). Os participantes em teletrabalho, por outro lado, revelam estar a apresentar mais comportamentos de cidadania relacionados com a prossecução dos objetivos da sua organização fora do horário de trabalho (e.g., “Trabalhar fora de horas ou no fim de semana para concluir um projeto...”), diferença esta que poderá advir em parte da própria natureza do trabalho presencial que poderá não permitir a execução trabalho em casa ou fora de horas.

VIII.c Atividades profissionais suspensas (n=174)



A maioria dos participantes que se encontra em casa justifica-o pelo facto de a sua atividade profissional não poder ser realizada em teletrabalho.

De uma forma geral estes participantes concordam moderadamente que têm conseguido ocupar o seu dia-a-dia e que se têm dedicado mais à família.

Nesta subsecção aprofundamos a **modalidade *estar em casa sem trabalhar* em vários aspetos, nomeadamente as razões para estar em casa e a ocupação do dia.**

Dos participantes que estão em casa sem trabalhar (n=174), **79.3% referem que a razão é não ser possível realizar o seu trabalho à distância, 6.9% referem que estão a dar apoio aos seus filhos e 13.8% referem outras razões.**

A perceção de ocupação do dia foi avaliada através da pergunta “Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações” e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Discordo totalmente*”, 7 a “*Concordo totalmente*”, e 4 como ponto neutro, a corresponder a “*Não concordo nem discordo*”.

Atividades Profissionais Suspensas: Ocupação do dia

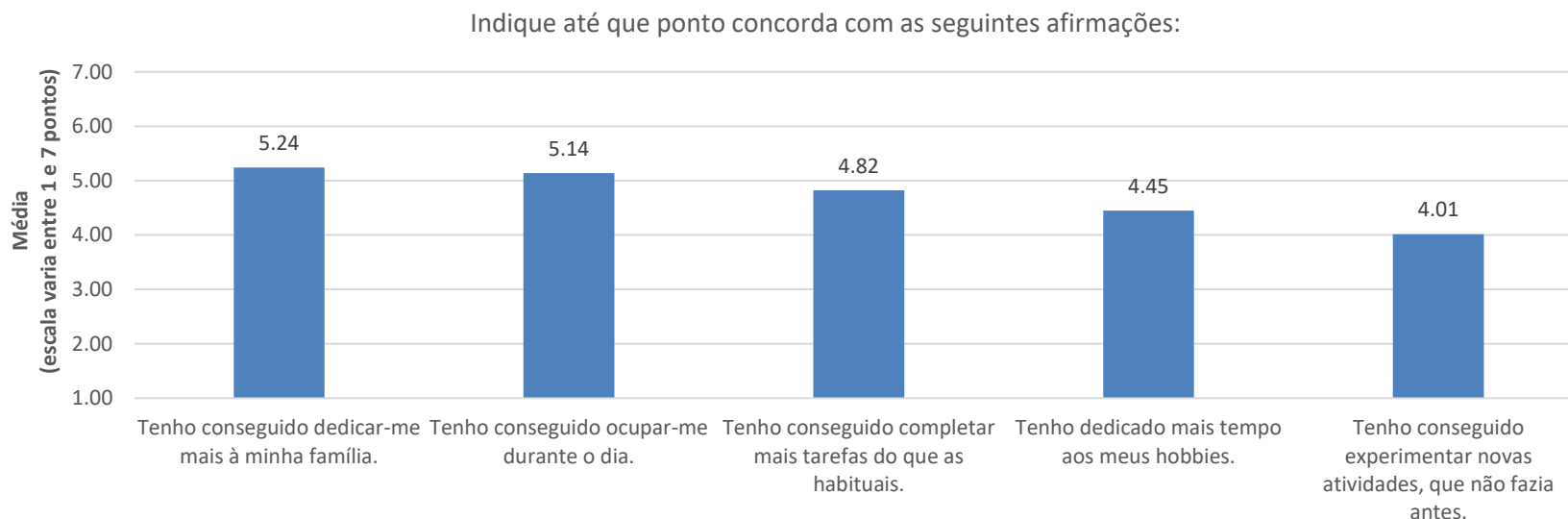


Figura 48 – Atividades dos trabalhadores que estão em casa sem trabalhar escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)

No que concerne a ocupação do dia, os participantes que se encontram em casa sem trabalhar, durante este período de pandemia, reportam níveis de concordância mais altos para **“Tenho conseguido dedicar-me mais à minha família”** ($M = 5.24, DP = 1.78$), **“Tenho conseguido ocupar-me durante o dia”** ($M = 5.14, DP = 1.77$) e **“Tenho conseguido completar mais tarefas do que as habituais”** ($M = 4.82, DP = 1.76$), e níveis de concordância mais baixos para **“Tenho dedicado mais tempo aos meus hobbies”** ($M = 4.45, DP = 1.94$), **“Tenho conseguido experimentar novas atividades, que não fazia antes”** ($M = 4.01, DP = 2.03$).

IX. Perspetivas sobre o presente e futuro: Optimismo e Satisfação



Caracterizando o seu estado emocional durante o último mês, os participantes apresentam maior concordância com estados que revelam a sua preocupação e alguma ansiedade, e discordam ligeiramente com estados como a calma.

Os participantes revelam-se ainda indecisos quando inquiridos acerca do otimismo em relação ao futuro, algo que poderá ser revelador do clima de incerteza que estamos a experienciar.

No que toca à satisfação com a vida, verifica-se que os participantes com mais dificuldades financeiras têm atualmente e pensam ter, após a pandemia, um nível de satisfação com a vida mais baixo que os restantes grupos.

Nesta secção apresentam-se os resultados relativos a perspetivas sobre o presente e futuro, nomeadamente o estado emocional no presente e o otimismo e satisfação face ao futuro.

No que concerne o estado emocional dos participantes durante o último mês, são reportados níveis de concordância mais altos para “**...preocupado**” (M = 5.52, DP = 1.42), “**...ansioso**” (M = 5.00, DP = 1.62) e “**...tenso**” (M = 4.79, DP = 1.56), e níveis de concordância mais baixos para “**...calmo**” (M = 3.65, DP = 1.64), “**...contente**” (M = 3.58, DP = 1.56) e “**...relaxado**” (M = 3.36, DP = 1.62).

A perceção do estado emocional dos participantes foi avaliada através da pergunta “Por favor indique em que medida sentiu cada uma das seguintes emoções: No último mês, senti-me...”, e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “*Discordo totalmente*”, 7 a “*Concordo totalmente*”, e 4 como ponto neutro, a corresponder a “*Não concordo nem discordo*”.

Perspetivas sobre o presente e futuro

O otimismo face ao futuro foi medido através da pergunta “Indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações”, e utilizando uma escala de 1 a 7 pontos, com 1 a corresponder a “Discordo totalmente”, 7 a “Concordo totalmente”, e 4 como ponto neutro, a corresponder a “Não concordo nem discordo”. Relativamente ao otimismo face ao futuro, os participantes apresentam níveis de concordância muito próximos do ponto neutro (não concordo nem discordo) para todos os itens: **“Acho que o futuro me vai trazer coisas boas”** (M = 4.33, DP = 1.64), **“Estou otimista em relação ao futuro”** (M = 3.95, DP = 1.68) e **“Estou confiante que em breve voltaremos à normalidade”** (M = 3.83, DP = 1.79).

O grau de satisfação com a vida no período pós pandemia foi medido através da pergunta “Pensando acerca da sua vida pessoal e das suas condições no período pós-pandemia, qual é que acha que vai ser o seu grau de satisfação com a sua vida?” e utilizando uma escala que varia entre 0 e 10 pontos (com valores superiores a indicarem maior presença da característica).

Comparando os resultados obtidos para o período pós-pandemia com os resultados obtidos no presente (Figura 49), observamos em geral, um decréscimo da satisfação com a vida: **20.8% dos participantes referem que se encontrarão totalmente/muito/moderadamente insatisfeitos** (vs. 12.9% que referem que se encontram totalmente/muito/moderadamente insatisfeitos no momento presente), **17.9% referem que não vão estar satisfeitos nem insatisfeitos** (vs. 10.8% que referem que não estão satisfeitos nem insatisfeitos no momento presente), e **61.3% referem que se encontrarão moderadamente/muito/totalmente satisfeitos no período pós-pandemia** (vs. 76.3% no momento presente).

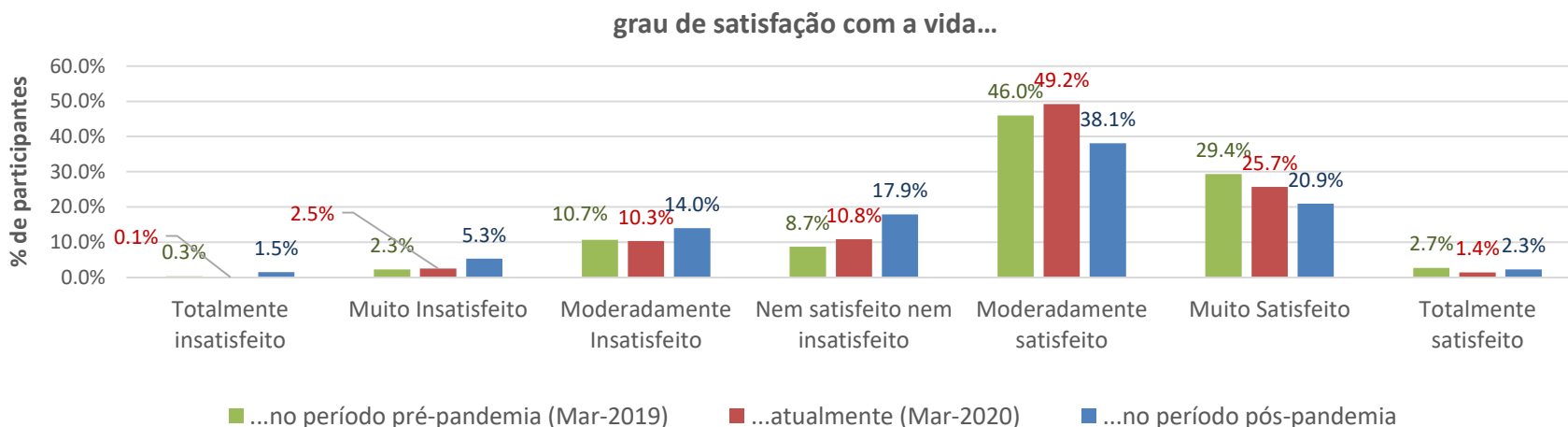


Figura 49 – Grau de satisfação com a vida pré-pandemia, na atualidade e pós-pandemia

Satisfação com a vida durante e depois da pandemia, por níveis de dificuldade financeira

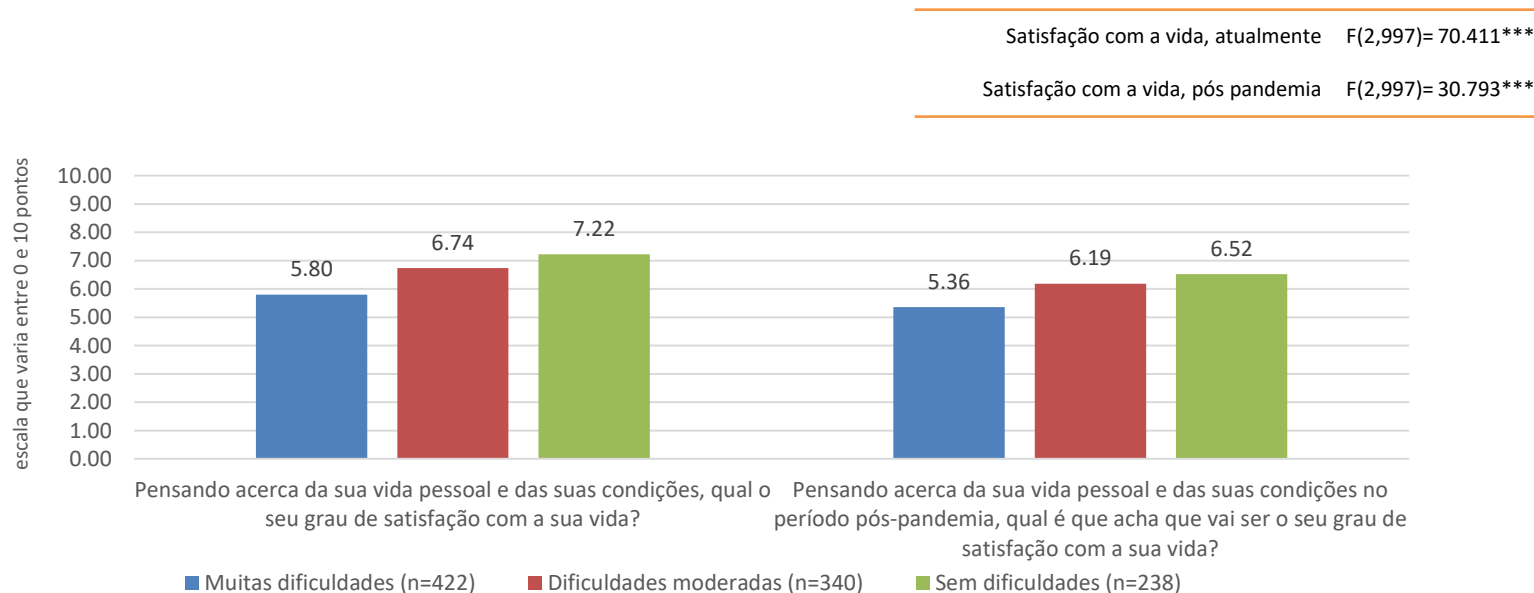


Figura 50 – Grau de satisfação com a vida pré-pandemia, na atualidade e pós-pandemia, por níveis de dificuldade financeira

No que toca à satisfação com a vida (atualmente e pós pandemia), verifica-se que os participantes com mais dificuldades financeiras têm atualmente e pensam ter, após a pandemia, um nível de satisfação com a vida mais baixo que os restantes grupos. As diferenças entre a satisfação sentida atualmente e após a pandemia são também estatisticamente significativas para todos os grupos. Não foram encontradas diferenças significativas entre faixas etárias e situação perante o trabalho.

CONCLUSÕES GERAIS

Neste estudo verificámos que, em diversas dimensões, a vida dos portugueses foi largamente afetada face à pandemia. Os portugueses inquiridos neste estudo estão menos felizes, mostram um estado emocional de preocupação e ansiedade e pouco otimistas em relação ao futuro.

Em termos de medidas de contingência implementadas pelo Governo para combate à epidemia COVID-19, **os participantes mostram que confiam na atuação dos profissionais de saúde e nas medidas implementadas pelo Governo.**

Os portugueses estão também a repensar os seus hábitos de consumo e capacidade de poupança. Os portugueses, de um modo geral, acham que vão voltar a consumir, apesar de mais moderadamente, e mostram preferência por produtos mais saudáveis e sustentáveis e que possam ser partilhados com outros. **Possivelmente devido ao estado de emergência e à incerteza do futuro, no momento do estudo, os participantes indicam que é mais fácil viver com seu rendimento mensal, e também demonstram mais interesse em poupar, mas referem uma possível diminuição nas suas poupanças, no futuro.**

Os portugueses inquiridos mostram uma quebra acentuada em termos de confiança económica e apresentam pessimismo em relação à situação económica futura, independentemente do seu nível de rendimento.

Por fim, os participantes neste estudo que estão em teletrabalho referem ter boas condições de trabalho, indicam uma boa capacidade de adaptação a esta nova realidade do trabalho, apesar ainda assim revelarem alguma dificuldade em equilibrar a vida pessoal com a vida profissional. Os portugueses que participaram neste estudo e que continuam a **trabalhar presencialmente nos seus locais de trabalho demonstram sinais de adaptação ao novo contexto e condições de trabalho razoáveis.**

Estudo do Observatório da Sociedade Portuguesa da CATÓLICA-LISBON, apoiado pelo CEA- Centro de Estudos Aplicados e pelo CUBE- Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics da Católica Lisbon- School of Business and Economics.

Autoria: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit

Rita Coelho do Vale é Professora da Católica Lisbon- School of Business and Economics, coordenadora da CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, do PEO- Painele de Estudos Online e do LERNE- Laboratory of Experimental Research in Economics and Management.

Ana Paula Giordano é investigadora do CUBE- Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics, e project manager na CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, no Observatório da Sociedade Portuguesa e PEO- Painele de Estudos Online.

Sofia Murtinheira é investigadora, lab e project manager na CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, LERNE- Laboratório de Investigação Experimental em Economia e Gestão e PEO- Painele de Estudos Online.

Contactos: Observatório da Sociedade Portuguesa- CATÓLICA-LISBON | tel: (+351) 21-721-4270 | fax: (351) 21-727-0252 | osp.cea@ucp.pt

Como referenciar: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit (2020). Estudo da Sociedade Portuguesa- O impacto da pandemia COVID 19 na vida dos Portugueses (Março 2020). Observatório da Sociedade Portuguesa.

How to cite: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit (2020). Estudo da Sociedade Portuguesa- O impacto da pandemia COVID 19 na vida dos Portugueses (Março 2020). Observatório da Sociedade Portuguesa.